

revista da palavra e da imagem

N.5

semestral

Dezembro de 2005

6,30 eur.

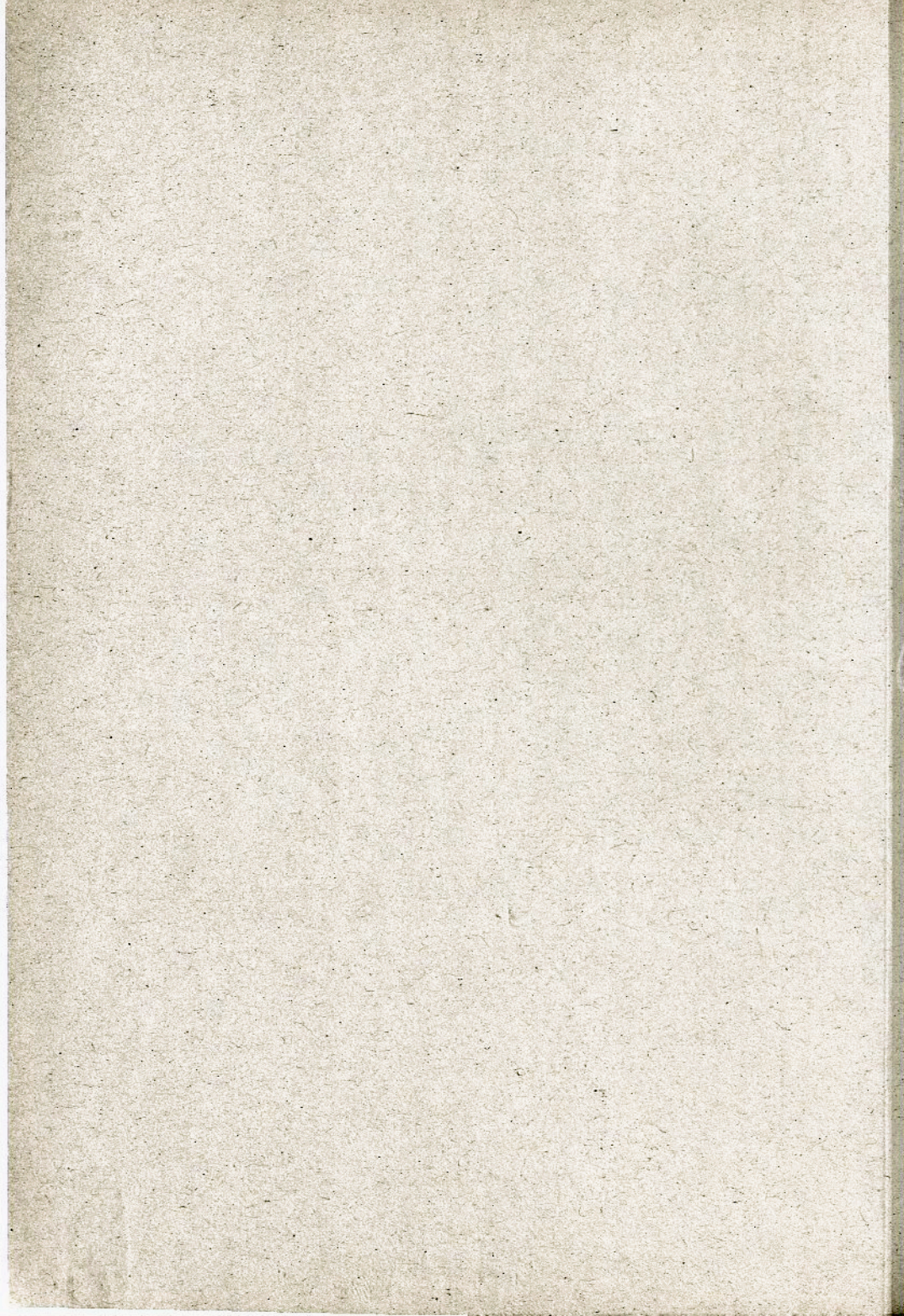
OFICINA DE POESIA

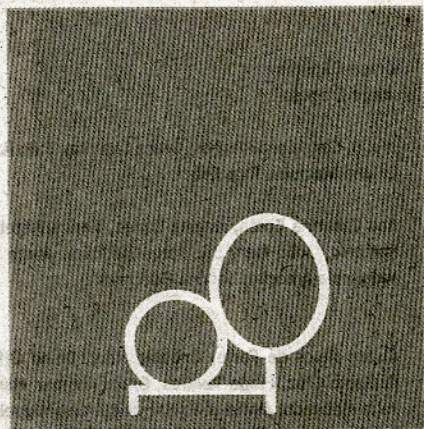
Originals de:
Álvoro Alves de Faria
Harold Alvarado Tenorio
Robert Creeley

Imagens:
Maria João Baginha
Filipe Cravo

Especial:
Robert Creeley

Palimage
Imagem Palavra





revista
OFICINA
de
POESIA

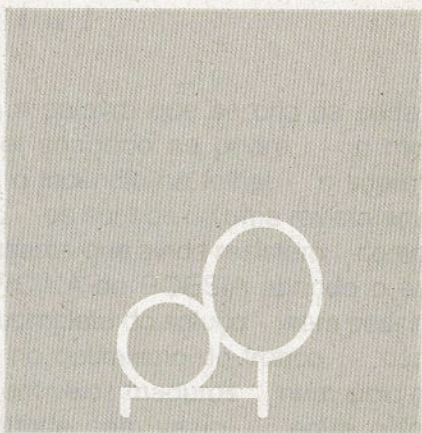
N.º 5
séries II

COIMBRA

2 0 0 5

Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio.
Conselho Editorial	Ana Catarina Costa, Ângela Canez, Carlos Pittella, Filipe Cravo, João Rasteiro, João Nery Sá, Jorge Melícias, Jorge Nande, Marisa Aznar, Margarida Amorim, Sandra Guerreiro
Colaboração especial	Álvaro Alves de Faria, Cristina Néry, David Oliveira, Diana Simões, Emiliana Cruz, Filipe Tavares, Graça Arrimar, Harold Alvarado Tenorio, Júlia Machado, Maria João Baginha, Nuno Miguel Proença, Paula Belo, Porfírio Al Brandão, Ricardo Chá, Robert Creeley, Rui Roque, Xavier Zarco
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
Capa	aNa B
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES – Cento de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 3511-902 Viseu Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/05
Execução Gráfica	Palimage /Publito
Distribuição	Palimage Editores Rua Conde Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Fax: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt



OFICINA
de
POESIA

revista da palavra e da imagem



Palimage Editores
A Imagem e A Palavra

OFICINA

de

POSTA

Revista de Direito e Jurisprudência

Revista de Direito e Jurisprudência

Vol. 1, No. 1

regressa a palavra que se cria da sede o poema impossível sonhado na pedra o movimento que incorpora o incêndio na folha o sopro de um corpo sem rosto os sonhos de uma revista em lenta rotação como pássaros que ainda resistem como pedras vivas numa OFICINA de POESIA abrindo o espaço branco a boca incompleta do soluço sem pessimismo nem exageros no optimismo do tronco números e mais números em veios maduros num ciclo que se renova nem plenitude nem vazio entre o fogo e a água metáforas que reflectem sonhos outros outras vezes nas feridas da carne palavras golfos permanentes terra perfurada no dorso por noites e noites entre vozes número (5) intenso de leituras sob as margens *workshops* em escolas de raízes alguns livros ao vento lembrando o linho vermelho sobre o granito das palavras sob a língua o puro prazer de respirar no anexo das vozes:

(neste número da revista *Oficina de Poesia*, mais uma vez a diversidade é o objectivo do material publicado. Revelam-se, mais uma vez, novos poetas do curso livre "Oficina de Poesia" e do curso de "Poética e Escrita Criativa", dirigidos pela Doutora Graça Capinha, directora da revista. Novas vozes, novas escritas, novas reflexões, novos sentidos e sonhos, "vozes outras", fomentando a poesia como uma experiência na criação da humanidade e da comunidade. Nessas "vozes outras", alguns convidados, como o norte-americano Robert Creeley (recentemente desaparecido). No dizer da ensaísta norte-americana Marjorie Perloff, a par de John Ashbery, Creeley foi o maior poeta da sua geração, um poeta que esteve em Coimbra logo no Primeiro Encontro Internacional de Poetas, organizado pelo Grupo de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras, em 1992.

Emiliana Cruz, uma das poetisas saídas do curso livre "Oficina de Poesia" prepara a sua tese de mestrado sobre este grande nome da poesia mundial, tendo também como projecto em curso a tradução dos *Selected Poems*, publicados ainda em vida do autor. Neste número contamos com um curto texto ensaístico e algumas destas traduções inéditas que Emiliana Cruz teve oportunidade de discutir e trabalhar em conjunto com Creeley, naquele que foi o último Verão na famosa casa do lago no estado do Maine.

Em tradução minha, trago também o colombiano Harold Alvarado Tenório, hoje uma das vozes mais singulares e refinadas da poesia contemporânea Colombiana e, actualmente, director da revista de poesia *Arquitrave*. Temos ainda, como nossos convidados, os portugueses Nuno Miguel Proença e Porfírio Al Brandão, os brasileiros Álvaro Alves de Faria e Júlia Machado, e, na imagem, Maria João Baginha e Filipe Cravo. De regresso, também os poemas de Emiliana Cruz e de Cristina Néry, que ousa uma re-escrita de Mariana Alcoforado, num monólogo encomendado para levar à cena.

O lapidar encantatório da pedra ainda o poema inteiro
e nu/temperado em OFICINA de POESIA no aroma do
silêncio na utopia seca da palavra na saliva dos
olhos na respiração inicial a poesia tomando
posição em função do acto de abrir fendas mesmo
se em pequena escala (Bernstein) mastigando o
enxofre dos buracos os frutos espargindo e sob o
muro de bronze o desejo anfíbio "entre nós e as
palavras, os emparedados e entre nós e as palavras,
o nosso dever falar" (Cesariny) sobre o azul do azul
afirmo inteiro no eco entre nós e a poesia, o nosso
dever fazer porque como nos ensina Duncan "só
existe o tempo único só existe a promessa única só
existe a página única o resto fica em cinzas"

João Rasteiro

especial

especial

ROBERT CREELEY

e a articulação
das emoções na
medida poética

por Emiliana Cruz

Agosto de 2004. Chegada a Waldoboro (Estado do Maine). Depois de muitas horas de viagem, de muitos poemas, muitas obras críticas e não menos *sites* (re)visitados, finalmente, Robert Creeley. O fugaz aperto de mão e a timidez do olhar deram, mais tarde, lugar ao à-vontade e à partilha, iniciados num serão em que Robert Duncan “apadrinhava” uma das maiores vozes da poesia dos séculos XX e XXI.¹ Parecia-me espantoso tê-lo à minha frente, falar-lhe, ouvi-lo falar... Este, que agora aqui, nesta casa à beira do lago, me tratava como mais uma poeta/amiga no seu círculo, fora, durante toda a minha vida de estudiosa da literatura, apenas um nome: o grande nome, o grande poeta, cuja obra sempre me fascinara.

Robert White Creeley é sinónimo de um percurso à margem e, simultaneamente, dentro do cânone norte-americano. A influência de Ezra Pound, a admiração e posterior contacto com William Carlos Williams,² a ligação ao *Black Mountain College*,³ à *San Francisco Renaissance*, ao jazz (a nomes como Charlie Parker ou

¹ Cf. Carroll F. Terrell, *Robert Creeley: The Poet's Workshop*, Orono: The National Poetry Foundation, University of Maine, 1984, p. 13.

² “He was my great love”, diz Creeley, in <http://wings.buffalo.edu/epc/authors/creeley/interview.html>

³ Cf. Michael Rumacker, *Black Mountain Days*, NC: Black Mountain Press, 2003.

Thelonius Monk), à *Beat Generation* e a consequente rejeição dos modelos poéticos do *New Criticism*,⁴ colocaram o poeta, durante vários anos, num caminho diferente, mas paralelo, ao da arte poética instituída. Contudo, a poesia do professor de *Black Mountain* exerceu uma grande influência em vários poetas seus contemporâneos e nas gerações seguintes, como, por exemplo, no movimento da *L=A=N=G=U=A=G=E poetry*.

A teoria do "Projective Verse", de Charles Olson e Robert Duncan, marcou decisivamente o modelo de escrita de Robert Creeley. Todos preconizavam uma escrita que reflectisse a experiência do momento presente, num grupo que defendia e acreditava na *open field* ("poesia aberta"), em que o poema passava a ser conduzido pelo pensamento. De facto, este último reflecte-se na "respiração do poeta" e o que acontece mentalmente tornou-se a nova medida do verso – o que fez com que a concepção de toda a acção poética gire em torno da "medida".⁵ Pensamento e respiração associam-se no conceito de *open field*, constituindo duas das pedras basilares nas quais assenta a poesia de Robert Creeley.

⁴ "What confronted us in 1950 was a closed system indeed (...) the New Criticism of that period was dominant and would not admit the possibility of verse considered as an 'open field'." in Charles Olson, *Selected Writings*, New York: New Directions, 1966, p. 6.

⁵ "The whole action of the poetry is measuring (...) Everything is a persistent preoccupation with measure" in Carroll F. Terrell, *Robert Creeley: The Poet's Workshop*, Orono: The National Poetry Foundation, University of Maine, 1984, p.44.

“Form is never more than an extension of content” tornou-se a máxima de Creeley, pois o objectivo era captar o fluxo natural da vida em processo; mais, que a escrita reflectisse a própria respiração, os processos mentais e a realidade circundante em geral, muito particularmente as relações entre as pessoas e o amor.⁶ A sua poesia não é impulsionada por, nem tem como objecto, a política ou as grandes questões sociais, mas, como ele próprio me transmitiu (na frase que jamais deixarei que se me apague da memória), a sua poesia trata da articulação das emoções. Da sua poesia emana o amor incondicional entre o sujeito e o mundo que o circunda, nas suas grandezas e nas suas singularidades mais prosaicas – num exercício heideggeriano. Por isso, dela sobressai, também, o conceito de poema como uma energia imprevisível, em que o sujeito e o objecto se encontram no lugar-poema e é neste, e deste, que o poema vai acontecendo – até chegar ao leitor.⁷

A arte poética de Robert Creeley oferece-nos, deste modo, uma estreita relação entre linguagem e experiência; e recorre, ao nível do trabalho linguístico, por

⁶ “I am given as a man to work with what is most intimate to me – these senses of relationships among people. I think, for myself, at least, the world is most evident and most intense in those relationships”, Robert Creeley in Robert von Hallberg, *American Poetry and Culture, 1945-1980*, Cambridge: Oxford University Press, p. 39.

⁷ “A poem is energy transferred from where the poet got it (...) by the way of the poem itself (...) to the reader” in Charles Olson, *Selected Writings*, New York: New Directions, 1966, p. 7.

exemplo, aos versos curtos e à desarticulação sintáctica para tentar conferir ordem ao caos que caracteriza aquelas, não obstante a ambiguidade dessa mesma ligação, no sentido em que a representação fidedigna do real é tarefa em constante processo e progresso.

30 de Março de 2005. A percepção singular das palavras e da mortalidade que, para sempre, nos deixará novas relações de sentido, significações.

BIBLIOGRAFIA:

- *Boundary 2: a journal of postmodern literature*, vol. VI, nº 3, VII, nº 1, Spring / Fall, New York, 1978.
- CLARK, Tom. *Robert Creeley and The Genius of the American Common Place*. California: University of California Press, 1993.
- HALLBERG, Robert von. *American Poetry and Culture, 1945-1980*. Cambridge: Oxford University Press, 1985.
- OLSON, Charles. *Selected Writings*. New York: New Directions, 1966.
- RUMACKER, Michael. *Black Mountain Days*. NC: Black Mountain Press, 2003.
- TERRELL, Carroll F. *Robert Creeley: The Poet's Workshop*. Orono: The National Poetry Foundation, University of Maine, 1984.
- WILSON, John (ed.). *Robert Creeley's Life and Work: A Sense of Increment*. Michigan: The University of Michigan Press, 1990.
- <http://wings.buffalo.edu/epc/authors/creeley/interview.html>

SAUNA FINLANDESA

5\$50

DÁ PARA
DUAS OU TRÊS PESSOAS.

ADQUIRA AGORA NO SEU FORNECEDOR HABITUAL



MUITAS ARTISTAS PORTUGUESAS
MANTÊM A SUA ELEGÂNCIA
USANDO OS NOSSOS APARELHOS

Um luxo verdadeiro
por pouco dinheiro!



LITERATURA E DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS EM LISBOA

E AGORA TOME NOTA DO SEGUINTE:

UMA EMBALAGEM
MÉDIA

DÁ PARA 2 OU 3 PESSOAS

DÁ PARA 5 PESSOAS

UMA EMBALAGEM
GRANDE

MILHÕES VENDIDOS EM TODO O MUNDO!

FILIPE CRAVO

ROBERT CREELEY

AUCKLAND

SO THERE

for Penelope

Da. Da. Da da.
Where is the song.
What's wrong
with life

ever. More?
Or less –
days, nights,
these

days. *What's gone*
is gone forever
every time, old friend's,
voice here. I want

to stay, somehow,
if I could –
if I would? Where else
to go.

The sea here's out
the window, old
switcher's house, vertical,
railroad blues, *lonesome*

AUCKLAND

MESMO ALI

para a Penélope

Da. Da. Da da.
Onde está a canção.
Qual a confusão
com a vida

para sempre. Mais?
Ou menos –
dias, noites,
estes

dias. *O que passou
passou para sempre
sempre*, aqui a voz
velho amigo. Quero

ficar, de algum modo,
se eu pudesse –
se eu poderia? Aonde
ir.

O mar aqui está fora
da janela, velha
casa do guarda, vertical,
os *blues* da locomotiva, *sozinho*

whistle, etc. can you
think of Yee's Cafe
in Needles, California
opposite the train

station – can you keep
it ever
together, old buddy, talking
to yourself again?

Meantime some *yuk*
in Hamilton has blown
the whistle on a charming
evening I wanted

to remember otherwise –
the river there, that
afternoon, sitting,
friends, wine & chicken,

watching the world go by.
Happiness, happiness –
so simple. What's
that anger is that

competition – sad! –
when at least
is free,
to put it mildly.

assobio, etc. consegues
pensar no Café do Yee
em Needles, Califórnia
em frente à estação

do comboio – consegues manter
sempre
a calma, velha amiga, falando
sozinha outra vez?

Entretanto algum *bronco*
em Hamilton assobiou numa doce
noite que eu queria

lembrar de outra forma –
o rio ali, aquela
tarde, sentados,
amigos, vinho & frango,

observando o mundo a passar.
A felicidade, a felicidade –
tão simples. O que é
aquela raiva é aquela

competição – que triste! –
quando ao menos
é gratuita,
no mínimo.

My aunt Bernice
in Nokomis,
Florida's last act,
a poem for geo. Washington's

birthday. Do you want
to say "it's bad"?
In America, old sport,
we shoot first, talk later,

or just take you out to dinner.
No worries, or not
at the moment,
sitting here eating bread,

cheese, butter, white wine —
like Bolinas, "Whale Town,"
my home, like they say,
in America. It's *one* world,

it can't be another.
So the beauty,
beside me, rises,
looks now out window —

and breath keeps on breathing,
heart's pulled in
a sudden deep, sad
longing, to want

A minha tia Bernice
em Nokomis,
o último acto da Florida,
um poema para o Geo. Washington

seu aniversário. Queres
dizer “é mau”?
Na América, amiga, o hábito é
atirar primeiro, falar depois

ou levamos-te apenas a jantar fora.
Sem preocupações ou não
no momento,
sentados aqui a comer pão,

queijo, manteiga, vinho branco –
como em Bolinas – “Cidade da Baleia”,
a minha terra, como se costuma dizer,
na América. É *um* mundo,

não pode ser outro.
Assim a beleza,
a meu lado, levanta-se,
olha agora pela janela –

e o sopro mantém-se a soprar,
o coração apertado numa
súbita, profunda, triste
ânsia, de querer

to stay – be another
person some day,
when I grow up.
The world's somehow

forever that way
and it's lovely, roily,
shifting shores, sounding now,
in my ears. My ears?

Well, what's on my head
as two skin appendages,
comes with the package.
I don't want to

Argue the point.
Tomorrow
it changes, gone,
abstract, new places –

moving on. Is this
some old time weird
Odysseus trip
sans paddle-up

the endless creek?
Thinking of you,
baby, thinking
of all the things

ficar – ser outra
pessoa um dia,
quando eu crescer.
O mundo é de algum modo

para sempre assim
e as suas belas, revoltas,
margens mudando, soando agora,
nos meus ouvidos. Os meus ouvidos?

Bem, o que me está na cabeça
como dois apêndices de pele,
vem no conjunto.
Não quero

discutir a questão.
Amanhã
muda, passado,
abstractos, lugares novos –

em movimento. É esta
uma antiga estranha
viagem de Ulisses
sem remo

até ao riacho infinito?
A pensar em ti,
amor, a pensar
em todas as coisas que

I'd like to say and do.
Old fashioned time
It takes to be
anywhere, at all.

Moving on. Mr. Ocean,
Mr. Sky's
got the biggest blue eyes
in creation –

here comes the sun!
while we can,
let's do it, let's
have fun.

Hello: A Journal, February 23 - May 3, 1976,
New York: New Directions, 1978, p. 19.

eu gostaria de dizer e fazer.
O tempo à moda antiga
que demora estar
em qualquer lado, de modo algum.

A mexer. Sr. Oceano,
o Sr. Céu
tem os maiores olhos azuis
da criação –

eis o sol!
enquanto podemos,
vamos a isto, vamos
gozar.

Olá: Um Diário, 29 de Fevereiro - 3 de Maio, 1976,
New York: New Directions, 1978, p. 19.

Tradução de Emilian Cruz
Revisão de Graça Capinha

ROBERT CREELEY

EROTICA

On the path
down here, to the sea,
there are bits

of pages
from a magazine, scattered,
the *big tits*

of my adolescence
caught on bushes,
stepped on, faces

of the women, naked,
still smiling out at me
from the grass.

In the factory,
beside which
this path goes,

there is
no one. The Windows
are broken out.

A dump
sits in front of it.
Two piles of dirt

ERÓTICA

No caminho
cá abaixo, ao mar,
há bocados

de páginas
de uma revista, espalhadas,
as *grandes mamas*

da minha adolescência
apanhadas nos arbustos,
pisadas, as caras

das mulheres, nuas,
ainda a sorrir para mim
da erva.

Na fábrica,
junto da qual
este caminho segue,

não há
ninguém. As janelas
estão partidas.

Uma lixeira
na frente dela.
Dois montes de lixo

beyond that.
Do these
look like tits

too, some primordial
woman sunk
underground

breaking out,
up
to get me –

shall I throw
myself down
upon it,

this ground
rolls and twists,
these pictures

I want still
to see. Coming back
a day later,

kids were stopped
at that spot
to look

as I would
and had – there the fact
of the mystery

lá atrás.
Parecem-se
com mamas

também, alguma mulher
primordial mergulhada
na terra

emergindo,
ao cimo,
para me apanhar –

devo atirar-
-me para
cima dela,

esta terra
rola e rebola,
estas imagens

que quero ainda quietas
ver. Voltando
um dia depois,

os miúdos parados
naquele lugar
a olhar

como eu faria
e fiz – ali o feito
do mistério

at last –
“what they look like
Underneath” –

paper shreds,
blurred pages,
dirty pictures.

Later, New York: New Directions, 1979, p. 20.

por fim –
“tal como eles
lá debaixo” –

bocados de papel,
páginas desbotadas,
imagens imundas.

Mais Tarde, New York: New Directions, 1979, p. 20..

Tradução de Emília Cruz

Revisão de Graça Capinha

ROBERT CREELEY

BUFFALO EVENING

Steady, the evening fades
up the street into sunset
over the lake. Winter sits

quiet here, snow piled
by the road, the walks stamped
down or shovelled. The kids

in the time before dinner are
playing, sliding on the old ice.
The dogs are out, walking,

and it's soon inside again,
with the light gone. Time
to eat, to think of it all.

Mirrors, New York: New Directions, 1983, p. 62.

TARDE DE BUFFALO

Segura, a tarde esmorece
rua acima até ao sol posto
no lago. O inverno vem

silente aqui, a neve em monte
à beira da estrada, os passeios calcados
ou raspados à pá. Os miúdos

antes do jantar
brincam, deslizando no gelo velho.
Os cães cá fora, a passear,

e em breve lá dentro outra vez,
a luz apagada. Tempo
de comer, de pensar nisso tudo.

Espelhos, New York: New Directions, 1983, p. 62.

Tradução de Emília Cruz

Revisão de Graça Capinha

ROBERT CREELEY

ONWARD

"We cannot give you any support
if we don't know who you are."

You cannot drive on this road
if you do not have a car.

I cannot sleep at night
if I won't go to bed.

They used to be my friends
but now they are dead.

Ecoes, New York: New Directions, 1994, p. 80.

EM FRENTE

“Nós não podemos dar-te nenhum apoio
se não soubermos quem és.”

Tu não podes conduzir nesta estrada
se não tiveres um carro.

Eu não posso dormir à noite
se não for para a cama.

Eles antes eram meus amigos
mas agora estão mortos.

Ecos, New York: New Directions, 1994, p. 80.
Tradução de Emília Cruz
Revisão de Graça Capinha

ROBERT CREELEY

GOODBYE

Now I recognize
it was always me
like a camera
set to expose

itself to a picture
or a pipe
through which the water
might run

or a chicken
dead for dinner
or a plan
inside the head

of a dead man.
Nothing so wrong
when one considered
how it all began.

It was Zukofsky's
*Born very young into a world
already very old...*
The century was well along

ADEUS

Agora reconheço
que fui sempre eu
como uma câmara
montada para expor-

-se a uma imagem
ou um cano
em que a água
podia correr

ou um frango
morto para jantar
ou um plano
dentro da cabeça

de um morto.
Nada mais errado
tendo em conta
como tudo começou.

Foi o Zukofsky de
*Nascido muito novo para um mundo
já muito velho...*
O século ia bem adiantado

when I came in
and now that's ending,
I realize it won't
be long.

But couldn't it all have been
a little nicer,
as my mother'd say. Did it
have to kill everything in sight,

did right always have to be so wrong?
I know this body is impatient.
I know I constitute only a meagre voice and mind.
Yet I loved, I love.

I want no sentimentality.
I want no more than home.

quando eu entrei
e agora que está a acabar,
percebo que não
falta muito.

Mas não poderia ter sido tudo
um pouco mais agradável,
como diria a minha mãe. Tinha
de matar tudo à volta,

tinha o certo de estar sempre tão errado?
Sei que este corpo está impaciente
Sei que sou apenas voz pouca e mente pouca.
Porém amei, amo.

Não quero sentimentalismo.
Não quero mais que o meu lugar.

Vida e Morte, New York: New Directions, 1998, p. 35..

Tradução de Emiliania Cruz

Revisão de Graça Capinha

ROBERT CREELEY

THE WAY

Somewhere in all the time that's passed
was a thing in mind became the evidence,
the pleasure even in fact of being lost
so quickly, simply that what it was could never last.

Only knowing was measure of what one could
make hold together for that moment's recognition,
or else the world washed over like a flood
of meager useless truths, of hostile incoherence.

Too late to know that knowing has its own reward
and that wisdom had at best a transient credit.
Whatever one did or didn't do was what one could.
Better at last believe than think to question?

There wasn't choice if one had seen the light,
not of belief but of that soft, blue-glowing fusion
seemed to appear or disappear with thought,
a minute magnesium flash, a firefly's illusion.

Best wonder at mind and let that flickering ambience
of wondering be the determining way you follow,
which leads itself from day to day into tomorrow,
finds all it ever finds is there by chance.

If I Were Writing This, New York: New Directions, 2003, p. 3.

O CAMINHO

Algures no tempo todo que passou
 tinha algo em mente tornado evidência,
 o prazer mesmo no facto de estar perdido
 tão depressa, apenas que o que fora não podia durar.

Só conhecer era a medida do que se podia
 manter para reconhecimento daquele momento,
 ou então o mundo transbordava como uma cheia
 de escassas verdades inúteis, de hostil incoerência.

Tarde demais saber que o conhecimento tem a sua própria recompensa
 e que a sabedoria quanto muito um crédito a prazo.
 Fosse o que fosse que se tivesse feito fez-se o que se podia.
 Melhor crer finalmente do que pensar em questionar?

Não havia escolha se se tivesse visto a luz,
 não da crença mas daquela suave fusão azul-brilhante
 parecia aparecer ou desaparecer com o pensamento,
 um momento de luz de magnésio, uma ilusão de pirlampo.

Melhor encantar-se na mente e deixar essa ambiência bruxuleante
 de encantamento ser o caminho determinante que segue,
 que a si se leva de dia a dia até ao amanhã,
 descobre que tudo o que descobre está ali por um acaso.

Se eu estivesse a escrever isto, New York: New Directions, 2003, p. 3.
 Tradução de Emília Cruz
 Revisão de Graça Capinha

HAROLD ALVARADO TENORIO

REDOBLE

Oye el tambor
las flautas
y el brillo reluciente de las telas
anuncian la guerra que nos cerca
ven a mí
mírame a los ojos.

REDUPLICAÇÃO

Ouve o tambor
as flautas
e o brilho reluzente dos tecidos
anunciam a guerra que nos cerca
vem a mim
olha-me nos olhos.

Tradução de João Rasteiro

HAROLD ALVARADO TENORIO

A TRAVÉS DEL VIDRIO

Tierra nuestra
trabajada para nada y para pocos,
ríos y puertos inundados de sol,
misericordia de los trajes misericordia de los pies,
ríos como puñales hiriendo la tierra.
Sonrientes, pensativos Yaunas pacientes,
laboriosos,
levantando sus casas tejiendo sus miserias con
fibras vegetales
orquídeas, dátil rojo, hojas de la victoria que
solo veis vosotros
monos nocturnos, osos hormigueros, garzones,
tigres, boas,
tortugas pensativas, chigüiros – semejantes del
mundo de los dientes –
Tierra que nada deja
y sin embargo el sexo.

HAROLD ALVARADO TENORIO

ATRAVÉS DO VIDRO

Terra nossa
trabalhada para nada e para poucos,
rios e portos inundados de sol,
miséria dos trajés miséria dos pés,
rios como punhais ferindo a terra.
Sorridentes, pensativos Yaunas pacientes,
laboriosos
levantando suas casas tecendo suas misérias com
fibras vegetais
orquídeas, tâmara vermelha, folhas da vitória que
só vós vedes
macacos nocturnos, ursos formigueiros, garções,
tigres, jibóias,
tartarugas pensativas, castores – semelhantes do
mundo dos dentes –
Terra que nada deixa
e no entanto o sexo.

Tradução de João Rasteiro

HAROLD ALVARADO TENORIO

SI NUNCA VINIERON

Si nunca vinieron
¿Por qué desesperas?

Tu casa no tuvo puertas
donde golpear
ni zaguanes para pasearse de tarde.

Dime,
¿qué hacemos aquí parados
en esta noche de polvo?

Buses de muerte pasan veloces,
borrachos de camisas sudadas
eructan y eyaculan solitarios.

Sólo los que habitan pueblos de olvido
conocen la cercanía de la muerte,
el hedor de la soledad,
la máscara del tedio.

HAROLD ALVARADO TENORIO

SE NUNCA VIERAM

Se nunca vieram
Porque desesperas?

A tua casa não teve portas
onde bater
nem pátios para passear à tarde.

Diz-me,
que fazemos aqui parados
nesta noite de pó?

Autocarros de morte passam velozes,
bêbados de camisas suadas
arrotam e ejaculam solitários.

Só os que habitam aldeias de esquecimento
conhecem a proximidade da morte,
o fedor da solidão,
a máscara do tédio.

Tradução de João Rasteiro

HAROLD ALVARADO TENORIO

ZEN

La sombra sigue al cuerpo
condenado a viajar.

Tendrás mi piel
tendrás mi carne
tendrás mis huesos.

Pero el último guardó silencio
tendrás mi médula – dijo –.

Con el polvo del camino
la mano sostenía una sandalia.

HAROLD ALVARADO TENORIO

ZEN

A sombra segue o corpo
condenado a viajar.

Terás a minha pele
terás a minha carne
terás os meus ossos.

Mas o último guardou silêncio
Terás a minha medula – disse –.

Com o pé do caminho
a mão sustinha uma sandália.

Tradução de João Rasteiro

HAROLD ALVARADO TENORIO

PLAZA DE LAS TRES CULTURAS, circa 1968

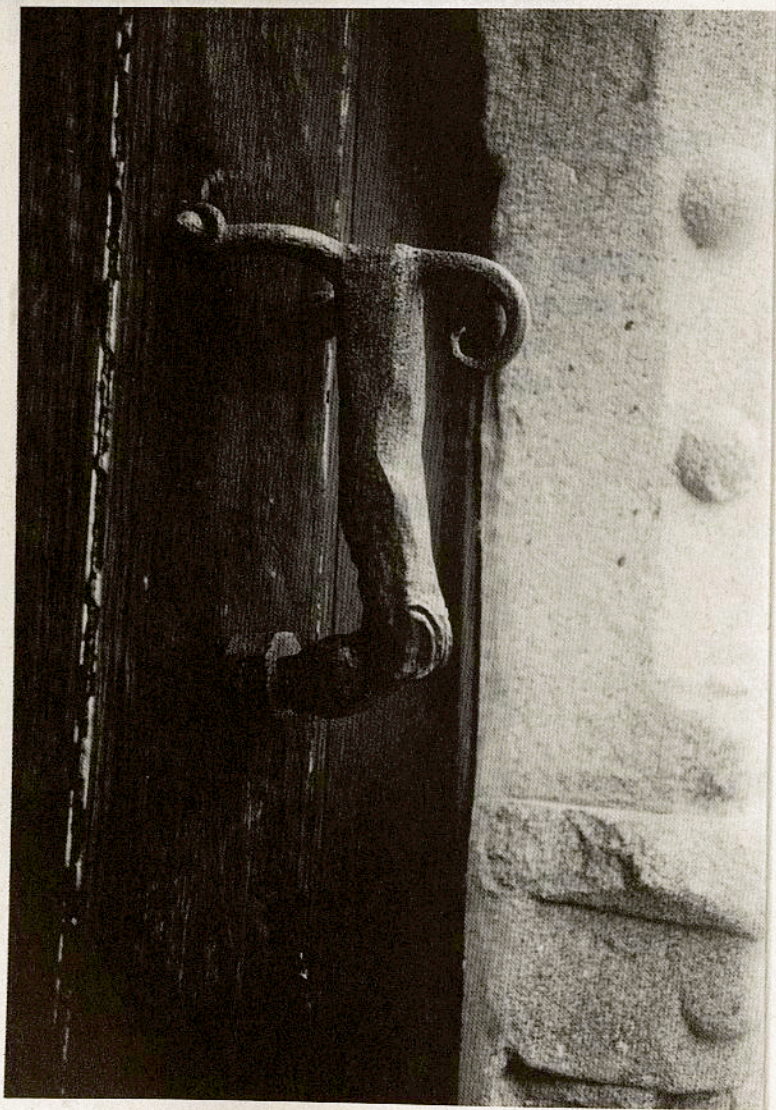
Amo esos hermosos cuerpos juveniles
que una vez saciados los deseos
dejando el lecho húmedo
con la bandera roja
entre las manos
en el combate
mueren.

HAROLD ALVARADO TENORIO

PRAÇA DAS TRÊS CULTURAS, circa 1968

Amo esses formosos corpos juvenis
que uma vez saciados os desejos
deixando o leito húmido
com a bandeira vermelha
entre as mãos
no combate
morrem.

Tradução de João Rasteiro



MARIA JOÃO BAGINHA

Os presentes

Bem-vindos sejam os cavalos
Presentes neste dia
Por onde andaram?
Que bom revê-los
Apagam-se as luzes
Escuro fica-se cego
Fogo de vela acesa
Revela sorrisos amarelos
Mas não se olha os dentes.
Olhares que correm
Corajosas corujas
Salgados e doces
misturam-se
Quase sempre amargos
melados
Sem sal
No fim
O bolo reparte
Ficando apenas migalhas
E cavalos.

PASSOS

Indo é vou
Volto vindo
Vai e vem
Vagaroso
Vago
Praça é Largo
Alargo o passo
Ou aberta
Pra chegar depressa.
No compasso lento
Andamento musical.
Mundo é Terra
Ex-fera
Vasto pasto
profundo
Ver mundo
Viajando
Devasta
A sola do pé.
Pé rapado
descalço
Desgraça realça
Calça
Sapato apertado
Coloca calo
Buraco no fundo
Papelão

Laço lasso
Nó não dá
afrouxa trouxa
Roupa traça
Costura esgarça
De graça
desfia
Saco cheio
De saco vazio
Nada de bóia
Procura abrigo
Lar devassa
Arromba e entra
abracadabra
Torta de maçaneta
Chave fechadura
Sinta-se em caixa.

JÚLIA MACHADO

Nadando

Danei a falar do nada
e andar pelos cantos
Só
Dó
Indoor

Danei a falar nadando
E andar cantando
Solando
Dosando
Ando

Do nada danei falando
andando cantando
Só
Dor
Mi dói

Dancei a canção que
soava
Profundo
No fundo
Toco
Afinal

Dancei a canção suando
Profundo
No fundo
Tocando
Afinando

Dancei cansando suando
Profundo
Afundo
No fundo
Tocando

Nu Vazio Vou
Em círculos
Pelas bordas
Ora ímpar – pi-hora
Ora em par – melhora
Por hora.

Vazando
Em círculos
Transbordando
Par ando
Par indo

Vagando
Rodando
Esfriando
Chora
Ora
Implora

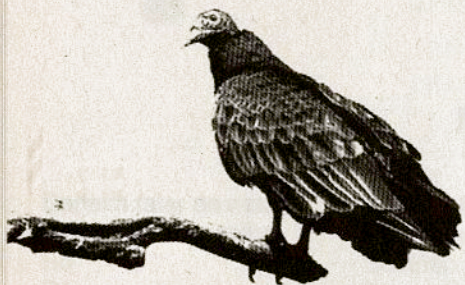
Até chegar
ao cerne
da dor
do ser
O que sou
Fui.

Chegando
ao cerne do ser
Adoçando
o que sou
Enfim.

Chega da dor
do cerne
do ser
Só.

A minha casa

Não vejo as tuas rugas
tantas... numa só.
Oíço uma voz quebrada
no canavial e no pomar
chupo o mel
que adoça os dias
em cada pedaço
de cana-de-açúcar.
E nos aromas da terra
saboreio
o amargo e doce dos frutos.
As rugas do teu rosto
não me inquietam
suavizo-as no sonho.
É mais assustador
o doloroso vazio delas
nesta ausência definitiva.



Portuguese do it. Bitter

FILIPPE CRAVO

PORFÍRIO AL BRANDÃO

JOHN COLTRANE QUARTET

ISSO – qualquer coisa a morder o espaço vivente
missiva ogival de células espontaneamente dançantes
inscrição alquímica no dorso da égua de cobre ateadada
construção pela ocular da assombração cósmica
a partir do enigma ressonante da carne

C - O - R - P - O

viajando na esgrima dos instrumentos
captando o som palpável
devorando com os dentes da pele a luz ultravioleta.

JOGO MEDULAR DO SAXOFONE

a resistência pleural

e n g o | e

a plural existência – paixão de Cristo.

isto misto com meus pés de xisto
caminhando sobre roxas hortênsias – ISSO
a morder o espaço vivente sobre qualquer coisa.

PORFÍRIO AL BRANDÃO

MEMBRANA

no último sábado, decidi colher bagos de tinta mágica.
atravessei a estrada como fronteira,
rompia assim a película do breve perjúrio gelatinoso.
mais do que a dúbia impressão,
estranhei a hiperactividade dos pseudosentidos
– faiscaram ilhas nos nenúfares coralíferos
dos lábios.

tarde soalheira com os dedos dos pés convertidos
em tesouras, desbravando ervas e arbustos;
palmilhando o teatro ecossistémico distingui
minúsculos seres corcundas,
guardiães à porta dos nós da árvore milenar
onde alojadas descansam as deusas ciganas
doutro tempo.

servi chá de hortelã apimentada aos anões órfãos
da floresta.

deitei-os em suas camas – magas flores amarelas
da carqueja – despedi-me
e iniciei o regresso...

para além da película vislumbrei a transmutada égua
nos pastos de alcatrão.

APNEIA DO SONHO

ainda não tenho pé... finco-me ao bafo da manhã.

serenei os objectos loucos à minha volta – escondi
subtilmente
o acordeão das mil e uma quimeras debaixo da língua
e derreti-o baixinho.

não quero comer nunca mais
frutos silvestres perfumados com a urina das fadas
que
durante a noite
me visitam vestidas de lingerie bordada a pólen.

... e a possibilidade de que o Brasil seja capaz de superar a crise econômica mundial e se tornar uma potência econômica global.

... não é apenas uma questão de crescimento econômico, mas também de desenvolvimento humano e social.

... a longo prazo, a sustentabilidade econômica depende da capacidade de inovação e de adaptação às mudanças tecnológicas e ambientais.

ÁLVARO ALVES DE FARIA

Pouco sei desta memória
das vidas que desconheço

nem me sei voltar em mim
neste tempo em que padeço

a misturar todas as coisas
no que se mostra do avesso

nada sei do que me faço
nem da dor sei o começo

nunca vou onde me quero
nem me faço o que me peço

espero que chegue o dia
nesta noite em que me esqueço

minha palavra que morre
no silêncio mais espesso

eu que em mim vivo a fugir
onde sempre permaneço

para dentro deste mar
onde em sonho me arremesso

eu que de mim sempre parto
a esperar por meu regresso

se viver é meu desejo
de morrer não me impeço

pouco sei desta memória
das vidas que em mim pereço

tantas mortes que perdidas
têm em mim seu endereço

os navios que partem breves
no oceano que escureço

este frio em minha pele
nesta blusa que não teço

quando vou ao meu encontro
mais em mim desapareço

ao fazer o meu discurso
minha palavra emudeço

às vezes entro num parque
e ao ser feliz me entristeço

quanto mais me quero vivo
mais em mim eu adoço

não percorro meu jardim
pelas flores que feneço

assim se faz o poema
na medida que não meço

não olhar dentro de mim
é assim que me conheço

faço tudo em meu contrário
nesta escada que não desço

tiro o chapéu às pessoas
mas no aceno me despeço

só me vejo em minha ausência
encontrar-me não mereço

quando a andar evito as pedras
muito mais em mim tropeço

nada sei desta memória
no entanto resplandeço

sei-me inútil na poesia
na palavra que adormeço

quanto mais explico o verso
quase nada eu esclareço

e quando me torno um bárbaro
na verdade eu me entorneço

preciso dos meus cuidados
mas eu só me desguarneço

sei que a dor me mata aos poucos
mas com ela me envaideço

brilha-me o sol à janela
mas só a treva enalteço

no espelho em que me vejo
nada em mim me reconheço

falam-me os provérbios sábios
mas com eles ensurdeço

quando penso em nascer
sinto mais que envelheço

e quando me penso lúcido
muito mais eu enlouqueço

quanto mais chega a manhã
mais em mim eu anoiteço

quanto mais me desfiguro
mais comigo me pareço.

Ondulo nesta clareira a mão que procura a mão que lhe falta
digo-te que tens peixes interiores nas águas do meu pensamento
e trespassam-me maravilhosamente quando te penso e escrevo
trazes contigo a ternura de um afecto e o incêndio de um sol
e a beleza transparente da última manhã do mundo

[Nos Claustros do Silêncio, em Santa Cruz]

Nos Claustros do Silêncio, em Santa Cruz,
Coimbra é um murmúrio de pedra.
Ouve-se o cinzel, canto que seduz
o olhar que indaga a forma que em si medra.

Como se a luz brindasse com magia
em cada um dos recantos do Mosteiro
e em nós, como vitral de poesia,
repousasse o seu corpo derradeiro.

E escuto o respirar pleno da terra,
confidências da água e da erva,
o sereno gerar de uma semente.

E sinto o vagabundo, que em mim erra,
ser a asa que da pomba faz de serva
e tece ao sol que morre o seu nascente.

[O sol acorda ao cântico dos sinos]

O sol acorda ao cântico dos sinos.
Nas faces laterais da catedral,
os dedos dos vitrais desfiam finos
os fios da luz frágil, matinal.

O olhar foge da nave, quer brincar
com os cabelos ágeis, flutuantes
que iluminam a voz que vai cantar
a oração e o silêncio reinantes.

No entanto, chega um frio confidente.
Vem do ventre das lajes e ascende à alma
como se tudo fosse de um só ente.

Nomeemos: sol, sinos, vitrais unidos
na suave vertigem, rude calma,
porque unos são os gestos e os sentidos.

EMILIANA CRUZ

rocas de vermelho percorrendo a azenha de
vidro rolando no carvão de esferas

astros em pingos de prata voando na boca
– em roda

. as chamas quentes retidas em coadores de seda
escorregam
nas mãos as arestas que limam os sentidos dos olhos

vísceras revolvendo cerebelos forjam lagos vivos
dentro das artérias
fugitivas ao sentido da corrente –

escolhas de laranjas que rebolam em rocas
em redor das lâminas: usadas.

amores perfeitos a nascerem nos lagos escorregadios
em esferas de prata coadas pelas labaredas não
escolhidas

dedos ardendo em plata-
formas
– sentidos imolados
circunferência de sol:
vidros tombados ao largo
dos peixes
 : o sal
perdido nos nós de ar
esventrado à força das cordas
 presas na garganta.

corpo de água acimenta-
do movimento dos muros
 entrecruzados

– pulsos em choque
– pés pulsando
 as ondas
 das mãos



MARIA JOÃO BAGINHA

– Monólogo para Mariana Alcoforado –

Para M.C.

*Je n'ai bien connu l'excès de mon Amour que depuis
que j'ai voulu faire tous mes efforts pour m'en guérir ; et je
crains que je n'eusse osé l'entreprendre, si j'eusse pu prévoir
tant de difficultés et tant de violences.*

in "Cinquième Lettre", *Lettres Portugaises*,
Mariana Alcoforado

I

Talvez seja isso o bastante,
entre o princípio íntimo do corpo e a arte do silêncio,
talvez a minha existência esteja entre as mãos
e a luz que chega,
das vezes que a terra lentamente não acaba pelo tempo fora.
Falo baixinho como se fosse para dentro,
como as noites que atravesso
como se as buscase nas tangentes dos punhos.
E se a loucura inundasse o silêncio que se faz clarão
e a terra fosse sempre simples e bonita.

Como hei-de começar a noite
se as sombras acabam nas montanhas
e me envolvem todas numa só.
Descobri que o dom divino é o bafo que a luz trabalha
nos espaços fabulosos da morte à rapidez,
como se acabasse o mundo para sempre.
Existem arcos pequenos do candelabro que fixa esta janela
ou sejas tu num movimento que crio de fora para dentro.
Dou a volta à noite no cálcio dos espelhos,
na lua gelada de que me apercebo da janela
que se atreve a descer-me à boca
como um princípio que cultivo regularmente com prazer,
rente aos ângulos do quarto.

Durmo nesse precioso silêncio das cíclicas quedas
executando o corpo geometricamente como se contaminada.
É que a beleza que te trabalha estrangula
se rapidamente não se escoo na trama das paisagens
em que és alto em mim,
em detalhes que nunca se esbatem e te crescem intocável
e se tornam agressivos.
Há dias que se colam ao corpo
quando este segrega a humidade da escrita
e enche o branco para lá da luz
e ocupa o espaço, vivo, nítido.
os diálogos do sol devolvem-me o rosto
quero polir-lhe os cantos que me soam a guizos.
na terra que o meu corpo vela nocturno
o teu rosto devolve-me o esforço dos mortos
quando o espelho está sempre mais perto do centro de mim
a escuridão é viva e apressada
e a carne triste, de absorta permanência

o amor despovoa-me a vida como um sacrifício antigo
é um silêncio à beira de rios e rios
e avança na boca.
É deslumbrante a carne das palavras
se te sabem, levantam uma combustão demoníaca
a voz que me enreda cada vez que visito a janela
como se brilhasse varada pelo som das cheias.
Será que algum dia os teus braços chegam até mim
ou serei sempre estampada por dentro
uma seca vivendo violentamente em palácios de som
em que se ouvem as chegadas da lua.
Tenho vontade de meter as mãos cheias em Deus
quando sinto o corpo mais perto
como se a ira dos amores todos caísse à terra
como se o céu se retirasse
e as cúpulas baixassem e me entontecessem.
Sabes que os dias repelem os mortos
e criam cidades incompletas uma atrás da outra.
O tempo parece bastar como som que se entranha
palpa os meus passos e tresnoita-me
como se me conservasse no sítio por uma mão enorme.
Falas comigo por uma tristeza irreflectida
às vezes gesticulo as sombras, tão viva
espero pelas ilhas que me apoucam o sangue
quando me encosto ao frio límpido e cru do quarto
é como se fosse um regaço.
Sobre a matéria vagarosa há uma leveza ameaçadora
como brilhos celestes que me iluminam.
Ele como um espaço maternal
o Corpo como um interior de vocação tremendamente.
Às vezes o coração é incandescente
como se suspirasse a branca doçura que povoa o óleo cândido

como se pela dor obtivesse a lavoura sua.
Deus é o veio da voz placentária que perfaz o momento
refractado ao alto
a parte rarefeita e lívida da alvorada morta.
a possibilidade milagrosa da respiração
que sugere a dilatação.
Este quarto furtivamente
uma espécie de campo para existires
para te saber quando o sangue me foge
que és uma vivacidade íntima
uma festa ingénua com entrada alta
ou uma zona suficiente e fixa para te lembrar.

II

Não sei se ainda te trago em mim
mas há sempre muitas vezes antes da última
no tempo que te faz voltar
há centros e centros de engodo que se alinham.
Adormeço quase sempre na sombra que recua da noite
e a espera é um impudor contínuo
uma força rija contra a boca de Deus.
Regresso sempre cada vez que anoitece
e que espero adormecer
é um poder fora da luz
por cima das faces que galgam o Inferno
se fixando o silêncio é um centro de abertura
como se raiz, como se sistema
se brilhando tudo, o sítio coração,
no instante extremo em que apareces.
Será que também ouves
a monstruosa amplitude das camélias dentro
quando te espero chegar.

Há muito peso em torno
um influxo que me toca, frio, instante,
tudo está no seu lugar mas eu desequilibro-me
no barulho do sangue dentro.
Sinto-me infantil com grandes dedos
se de repente vejo os pássaros estremecer-me a vida.
Às vezes extraio o corpo todo e sei que quase te toco
numa espécie de arte celeste.
Sei das metáforas escondidas no fôlego límpido
sei que se as plantasse
coroava as crateras deste quarto que se fazem profundas
cada vez mais.
Só de fechar os olhos circularia esférica
mesmo sabendo que há muito não te vejo chegar.
O dia é sempre puro e definitivo
encostado à angústia que me inscreves desatenta
e à solução da noite te instala em mim.
Às vezes há demasiada beleza nos sinais do mundo
na mundana realidade misturada
nas formas teóricas
que explicar
é sempre um exercício de histeria cujas legendas
são desfiguradas pelas marés e pela Primavera.
Há sínteses no escuro
e uma nova boca terrível ao ver nascer uma nova manhã
nela recolho uma vida e a tua
como um hábito benigno.
Há uma viagem fácil no céu azul
mesmo contra o descanso eterno que é esperar.
Povo o tempo à minha maneira com o quente
há horas imperturbáveis
nesta existência espantosa e inconsciente

na lucidez que é uma permanente ausência tua
mas a distância começa a não ter contraluz
mesmo que te invente de dentro
nas flores que não interessam se vazias
no jardim que os meus olhos apuram irados
porque são morosas linhas de elementos atados ao tempo.
Quero-lhes a criatura
a sagrada suspensão para te chegar pelo cheiro.

.tenho-te ocultamente
como se nas partes da minha biografia
fizera eu os teus limites
e assim ressuscitasse os estios das minhas veias.
a minha caligrafia expulsa-te fechando.
Nunca aprendi a gritar intacta mas concavamente quieta.
és um sonho de tez tão severa que se estagna
e há um astro perpétuo quando através de mim própria
sufoco.

A infância é terrestre e fechada
um equinócio que nasce de crateras perfeitas
e súbita e solar.

Assim é esta chama entre as paredes e a cama
e a garganta que expira feroz pelas vidas que tenho em coral,
nas visões entrançadas, queimadas no centro, porque não
estás. Nunca estás. Sempre estás.

Circulo as pedras porque são açucaradas a meio
agacho as minhas vontades sempre que a chuva vem.

A chuva é um pássaro marítimo, presságio dos pulsos
aquáticos

ou do teu amargo nome na fenda do sono.

Todas as vezes que é quase noite, amo,
como se atravessasse países medonhos, isolada,

desfocando a solidão na fórmica tinta que me resta.
O gesto humano de querer-te desalinha a minha morte
tenho-o de corpo ausente
na rectidão do branco da luz do dia das colheitas
os muros claros são como uma face pequena, a justa
fábula desta falta de sorte. Imaginar é uma virtude,
uma réstia de sangue.
Saberás que viajar para longe dos dias é um tamanho
exercício como o sofrimento
que ignora sempre as minhas tragédias,
como se me ungisses os olhos.
Queria lambe-te somente ao anoitecer, quando me és visível,
e engolir todo este jardim que me separa, nascer
Primavera
em ritual de bruxedo,
e fugir de ser triste e procurar
e manter as manhãs para me ver,
como se acordasse das lágrimas.
As manhãs vêm buscar-me aos cantos sem fim
para manter a conversa com o mundo até ao Inferno.

Se ao menos respirasses o medo comigo
esta doença teria a enormidade do tempo.
Enrolei-me à morte, cujos nomes, são cobertos de rastos.
Nunca a alcancei, se repentinamente audível, porque as
flores se esboçam aos alicerces do quarto.
Tornei-me nelas se limpa pela chuva e conspiro o quarto e
o meu corpo.
Estou doente nas grandes rotas para as quais vieste sempre
comigo, mas é tarde, não queiras gostar de mim,
há uma pele cansada como se mordida pela repetição
que me magoa até o esquecimento, que me molda o rosto,

o teu rosto, quase vai embora,
murcha nas mãos agora líquidas
revelou não ser minha, a dor
se soubesses existi-la,
se soubesse desaguá-la em delírio em vez de encontrar
e ressuscitaria o fundo dos espelhos
e o que me cresceu do coração.
Às vezes és de deserto,
ou travessia
percorres-me o desejo adiado ou as pirâmides de areia
que são os corpos menineiros.
Velo-te nos ventos demorados e ateio-os com o fim do dia
é no corpo que melhor enleio a maresia que é o teu regresso,
sempre que não vens, atormentam-me os sítios limpos e bons
porque ganham guarida na cela das breves horas
como uma boca de mulher. Pouco resta de refúgio,
de irmandade
só aquela janela é a minha relíquia, o meu maior engano,
a minha escuta.
Nela é possível as asas, as rosas, a metamorfose,
o túmulo da loucura,
a imperfeição, que não me seca,
a saliva que me prende quando viajo dentro
Nunca ninguém sabe, ninguém me sabe,
à minha cabeceira Deus e continuar a arder,
como se te segurasse a mão,
Deus ou o subúrbio da alma, Deus e a carne à beira,
construo lá as profecias,
na frescura dos pulsos que se morre à noite.
Fascina-me a humildade que é a distância de não te tocar
é uma região mais fértil.
Mas pouca importância começa a ter

o que me possas acontecer
se já resumes os dias inteiros
como se eu imitasse a vida um do outro
quantas espirais há por cima das constelações
se estender a mão.
imito a felicidade, estou cansada de um lado para o outro,
mas vens sempre comigo,
reproduzes-te com facilidade na repetição do vitral
como um doce alimento da minha imperativa necessidade.

III

Criar-te é uma espécie de tempo no murmúrio quieto
define as asas que. a serenidade.
o tempo não vai chegar para estares longe de mim,
não sei dizer as árvores tristes. espera por mim
que abandono o corpo.
há dias para perguntar a saudade. para saber juntar.
Contaram-me que durante a espessura das flores
rebetam arco-íris
e que os bosques são linhas oblíquas de iluminações
e que o sono é o abrigo dos membros do corpo tremendo.
quando falo baixinho, quase te traio,
o quarto é invadido
do calor das mulheres que falam muito
e tudo esquecem
mas a devoção é o negro
as chitas a arder que desafio
o piso descalço que cresce.
Quando te escrevo, já como se por engano,
ou para acompanhar o que nada mais possuo
provoco um festejo sempre,

que se extingue na tarde do interior das plantas
tacteo-lhes os tesouros e tudo em redor fecha, que sossega
de repente. entras na fonte do nocturno
porque não ficas na sabedoria de nos tocarmos
que o sangue ensina.
Vem a haver ouro que isola o regresso à terra.

Às terras por onde andas,
invoca-lhes a vida fértil
troca-te pelos solstícios e aperfeiçoa o corpo-meu
que a dor é um fino aparo
que se ouve fascinado nas entranhas
ou todas as serpentes banhadas de som do mar.
Já não te necessito
conheço-te de um cultivo regular do regresso a ti
no atravessar-te pela morte e ser capaz de ressuscitar
solidifica Deus e acende-me a adolescência
como uma seiva lenta. Os peregrinos têm sabor a noite
e a mapas
eu tenho sabor ao vazio parecido comigo mesma.

IV

Hoje vieste comigo,
tenho o hábito cansado hoje de tudo como imensa repetição
a técnica dos equinócios detém-me a agonia da escrita
executo uma representação, um lugar para te morrer,
uma rua sem que as borboletas estejam por detrás do vento.
Quero banhar a calma da claridade,
quero a resina dos bosques
para manter as pálpebras abertas.

V

A vela está cansada de viajar contigo, dourada,
a chuva é um coro calado ao fundo,
o soalho que piso descalça,
a busca de ninguém que cobre o coração de ninguém.
Ouves, faço parte dele, geométrica,
nascida dele e prisioneira
aprendi-lhe o ritual
serei como outra dentro de mim.
o meu pecado é um diário,
demora-se.
Levanto-me depressa, acordei o dia,
como água, como pão, eu sei o amor
e sei que são as cartas os corpos que se dão.

VI

A dimensão da cela deixou de conceber,
cicatriz posta em sossego, não quer o luar.
Ensinou-me que o desejo teu é uma vaidade
porque tu és desabilitado, de cintilação humedecida.
Hoje o quarto não ecoa (eco),
bebi-lhe as fontes, ao amanhecer.

VII

Desconheço ter vivido os anos,
mas quando há um excesso de olhar
oferece-me tudo o que vem sem eu pedir.

VIII

É o tronco que deitamos à terra nas vigílias.
Enquanto o âmbar durar, duram os néctares
e perco as asas como se invadindo os relâmpagos
Diz-me, que quero saber-te vivo,
para ser capaz de caminhar os incêndios do ventre.
Se abrir a saudade
acaricio as árvores, a todas as horas, rodeada.
Poderia ser uma religião, as alturas ensombrando
o entardecer, o livro das vozes,
tenho a fome das pétalas,
o cheiro da morte que incendeia o teu espaço
e o medo que desejo
é uma iluminação central para a eternidade.
Surpreendo-te nos infindáveis cadernos escritos
que me predestinam
e há caudais de rios a rasgar-se como os gritos.
Senhor, por vezes desfaço-me, porque a noite é muito tempo,
e a manhã é um corredor iluminado
que me movimenta o corpo.
Nunca me preocupej, se repentinamente Tu me doesses,
dizem que na Tua boca permanece
a euforia loira dos sonhos,
que nos ensinas na fímbria desta passagem,
as tintas primitivas dos segredos,
um só parto que se prolonga nos raios que deixas cair
a cada um.
Se eu fosse alta junto dos pássaros
teria um pouco de alma inanimal para fugir das noites
inteiras.

Porque quando fico só
sou raiada pelos fantasmas da minha voz.
vou ser um poema para ————— me levar.

Ao Vento

Pego
no diafragma
um só instante a respirar
um quarto sem tinta
umas tantas cadeiras vazias
desabitando o pó seco de pegadas
nesta praia final
uma direção tentada
acima do regresso dos carros
para unir jardins e pinhais
num só Pulmão
pu!mão pu!mão pu!mão
pl!máquina de todos os ouvidos...
Tento-o-E
de modo Todo não é porém
como dizia
Pimentaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa
aaaArde e não expliques:
olha de frente!
Os carros regressam as noites inteiras
sem ter ido buscado ou pensado
sequer em atropelar as próprias janelas cerradas
ainda assim, nas voltas ainda... assim
da tua ainda pequena assim! gaiola ideal,
escutai esta unha da Voz corroer teus blindados,
pois não há nenhum lugar que não seja o Centro
e "a tua morte ao Meio
como um Cavalo"

*poema resultante de um exercício
de "catch" a partir de J. M. Antolín e Nanni Balestrini*

Todo Ensino Médio
em 3 movimentos

I. TROTE

Todos nós aprendemos que falamos em prosa.

Ah, minha camisa de força..!

Mamãe diz: Quem ensina é a escola
(e esfrega a lembrança encardida
da gola no tanque de louça)

Tem que estudar pra crescer seu Doutor
(torce e borbulha espuma)

ou então ser catador de lixo
como o homem do saco
(jorra água escura do trapo)
(escoa claríssima a bruma).

Ah! minha camisa de força
luzente de super-homem
mais gente que o homem do saco
catador de lixo...

Mamãe me limpa me arruma
e vou prà escola feito um guardanapo
vestindo um bicho
que guarda no papo da roupa mais uma
qualquer boca limpa do vento
que esfuma na blusa uma voz – é um fiapo
da revoada de canto a que assisto:
caco estilhaço palavra... alento
que escapara ao homem do saco
sem fundo em que me invento.

Ah, minha camisa de força
eu visto.

Todos nós aprendemos que Poesia é bonitinho.

E o homem do saco é feio:

Velho caminho do saco que ensaca o meu velho
caminho...

Começo a despir a camisa de força
no meio.

II. REFUGO

Baratíssimos indistintos senhores e companhia-!-!-

Não aguardem a invocação do Ritmo.

Nem mais preciso chamá-lo

que flor já expande ao talo,

meada desalinha Reta

e pólvora farta de espoleta.

Ah, minha camisa de força no fogo de um cavalo!

ArrrrR, minha camisa de força no refugio de um cometa!

(E isto é por meus pais, cujo doce excessivo
apegou-se ao que apartara Útil de Nocivo
no pensamínimo racionanimal.

Porém, como o seu mel inda cultivo...

Que desse emplastro meliflua, intuitivo,
o humano pegajosamente universal)

Porque

range a lata velha do horizonte

e como Tudo

que anda em mim desde o poeta do Verbo
já vem o cavalo e suas dezestribeiras.

Relato-as:

“Toda minha Voz é porosa”
Toda minha foz é rochosa
Toda minha noz, vaporosa

(Lyn Hejinian)

Tudo que é a sós me entrosa
Tudo que é em nós me tosa
Tudo que é atroz me goza

Todo meu algoz é uma rosa
Todo albatroz é uma prosa
E todo meu após já posa

nesta camisa-nodosa-Poesia a respingar
chuva morosa... até parir a idéia esplendorosa
do Cavalumano a relinchar:

Eeeeeeeeeee Pensamanto
descubro

Eeeeeeeeeee Pensamento
ardo mais

Eeeeeeeeeee Pensaminto
aponto

Eeeeeeeeeee Pensamonto
empino

Eeeeeeeeeee Pensamunto
mais o que Fazer
a hora do Cavalgamento:

III. RESFOLEGO

– Vai! que essa gola de força já entala se enlaça o pescoço de vento que és Ritmo e todos os cortes precisos me irrite! molenga amolando-me ao meio e PÁ! estala-se o torso mais torso que o molde num trânsito além dos fragmentos de nós pra que os táxis danceem que todo narciso destaque seu talo e nos solte a coleira dos cães e tu: rosna! o focinho espirrado no pólen motor engasgado de pétalas vivo e se o mundo na colcha do verso é em retalhos eu visto-me ao pó sacudido no Ritmo adentro à Implosão do Soneto In-Vestido do

&

● Agora:

– Isto Vai Ser um soneto mental a vestir pensamentos que vazam-me a gola porque o pensamento só pensa se esfola por dentro da errância a cabeça que entala na forma já pronta já dita e pausada no coice do espírito são satisfeito em reinar bem distintos Perfeito e Defeito na cela Estilosa e na Esfarrapelada, então chamo o Cavalo do Vento e do Sol essa Espora e das Águas Chicotes pra te desterrar que, Horizonte, estás tão enterrado no pouco que atola – e um fulcral Resfolego somente pra cara empedrada do medo num Tá-Pá

ca-tá

Pa-Ca-Tá

PA-CA-T-Á

PA! CA! T! Á-molecer

Galopantemente

até o Mole Ser

O que esfarela

O que esparrela

O que esfacela

o sujeito,

um jeito sujo de ver
o objeto
(mesmo abjeto)
ao impróprio sujeito estender
O
Meio
Avalanche de Silêncio
entre pensar-querer-espirrar
o poema
&
nariz-espirro-penso

logo, existe um só Movimento

Suspensão



Enquanto dormia senti que era esticada num tear de madeira
onde passavam cordas nebulosas feridas de sangue.

Desfieimei-me

em múltiplas pétalas

que sustinham
um

corpo alvo

de sinuosas tracções.

O lençol era um jarro

que me tocava como veludo.

A minha boca

abria-se

com o brotar de flores perdidas de cor e encanto.

No meu corpo

deslizavam

bagas encarnadas

em alvéolos

de brilho

que comprometiam todos os sentidos.

Serpentinas de seda

dançavam

no céu em redor.

Sei que era tarde
quando saíste adivinhando o que se seguiria.

Trespasada

no relâmpago agudo

azul

da tua voz

caí no fundo do mar.

Perdida

numa cabeça turva de

anseios reservados e galopantes

sentia-me apagada

pelo olhar rasgado

com que me fixaste

enquanto esbracejavas

amarrado nas tuas palavras

Emudecida

de olhos cristalizados

retoquei o batom vermelho sangue

apertei os sapatos de pele de pêsego e entrei no vestido
rendado por asas de insectos.

Os vidros partiam-se e eu dançava como um
cisne.

I.N.R.I

A noite encostada a um muro radiografava a fome, enquanto o vento, polindo a face do mundo, entrava abússolo na cidade ao ponto do desaparecimento. A morte mora aqui, mesmo ao lado dos cães que mordem os sonhos. As memórias e os medos discretos são os ouvidos dos poros da sua pele, e o seu colo, que é um rego penetrante de vermes e de abelhas, arrasta-se a apanhar o sol quando termina a chuva. O caminho de indecidibilidade que lança torre abaixo de suas tranças é uma sombra lassa que ao medo enlaça no vau da escada. Pensa em prender-se ao tempo na cauda de um cometa como um abutre em busca da sua carcaça. Pensa no primeiro labrego que desfez as malas da sua tribulação, quando a largura inapropriada do espaço se estendia exasperado no increspado tempo das constelações. Mas nós, nesta terra nómada de um bosquímano, abatemos as árvores como lanças e afiamos no granito nossos pés quadriculados. O estrépito bramido é o som dos livros à noite, e as sombras são os outros eus que morreram à distância. Flamívolos, arde-nos o forro dos pulmões porque às vezes é preciso não acordar o silêncio que nasce do horizonte em alfabetos. Deixamo-nos cair no poema para depois nos deitarmos na água apodrecida dos remorsos, tentando o suicídio contra a montanha, detendo-nos só o rio que bate vertical nas palavras que se elevam acima das margens.

RUI ROQUE

RE
WIND
AND
PRE

PLAY

Oh...
como é grande
o nosso
anseio nu
de redondas formas
com bocados de membros
fundidos
no
frenesim
em
vibração.

Tenho o músculo todo a
contornar-te os abdominais
da tua humidade inchada
junto ao
lado
escuro
do teu
SEXO

VIEW

REWIND

AND

PREVIEW

PREVIEW

REWIND

AND

Oh... como é grande
a curiosidade da carne
inextricável que talhamos
com o túmido cutelo
das convulsões cónicas que
nos repetem... em
repetição

Caem
três
sílabas
em estado líquido
tingindo
nossos ventres
com punhados
de
terra

Oh...
Decompostos na
languidez do contra
tempo, o transvase articular das
nossas híbridas línguas
ilimitadas demoram-se
desleixadas a tactear axilas que
sabem
a

SEXO

FAST FORWARD

O nome é um som significativo, composto, sem determinação de tempo.

Fernando José Nunes Gomes da Costa, solteiro, faleceu ontem com 47 anos de idade. Era natural de Eiras, Coimbra, e residia em Cantanhede. O falecido encontra-se em câmara ardente na igreja paroquial de Febres.

O nome é um som significativo, composto, sem determinação de tempo.

Um indivíduo de 50 anos foi colhido mortalmente às 5.33h por um combóio do ramal da Lousã. A vítima foi atropelada pela primeira automotora que parte de Coimbra para Serpins. A PSP desconhece a identidade da vítima e o cadáver encontra-se a ser autopsiado no Instituto de Medicina Legal.

O nome é um som significativo, composto, sem determinação de tempo.

Faleceu esta manhã a criança internada com meningite no hospital do Funchal. A menina de 2 anos não frequentava qualquer jardim de infância. As pessoas de família mais próximas foram submetidas a tratamento preventivo.

O nome é um som significativo, composto, sem determinação de tempo.

Do caos
Tarda uma estaca a reescrever a sombra
Ser uma praça afundada. Esquecida
A medo abatiam o povo em espanto entre raízes ou dedos
estéreis
Atmosferas ocas. Sem interior. Já não se pode com o caos
aos ombros
nestas águas crivadas de abalos
Nem o vapor arranca as estacas à margem dos outros
Do profundo
de onde se furta o olhar
– os pés quebrados percorrerão toda a superfície da terra
De uma a outra saliência
Quando os rasgos de outro acamado emparelha os pobres
Tão sós
fechados num círculo amargo. debaixo da terra... Sentados
a uma mesa onde já não se come. Um monte de pedras
embebeda-se até ao cimo. atira-se
atira-se para longe
Quem pela mão leva um moribundo e a palma da mão
alagada no sopro da terra. Falange fustigada pelo
assombro. arcas de membros doridos do pó que lhes
entrava ao centro
Deitam-se com outros desgraçados
negra aliança aterrada nos hemisférios primeiros
Chegavam em bloco por debaixo dos braços
de bêbados que mal conheciam

Estão a flutuar

a tentar um desastre tremendo

Fora escrito na fuga: o suicida apanhado no lodaçal. Juntos

Os três soldados rivais. São o vale que enlouquece

da terra batida. Ao relento. Voltam

a morder a custo as correntes de que já não se

podem libertar

nas cordas fundas

E violentamente a metamorfose
malformações sucessivas que abrem os olhos
atiram com o primeiro acorde que lhes passa à frente
– deixa-o ao lado a ouvir a sua voz

Gago

A vadiagem é uma caçarola de pés de feijão mal repetida
em que o infractor já não acreditava
Na repulsão de cordas que amassam
a letra feita ao fogo duas pingas de
crematório

É trabalhou nisso toda a noite –
ali imobilizado o bastante de conchas
– já lhe chegou para as contas todas – o Inverno todo
Um dia é o filho mais novo que o vem acomodar
uma outra mostra de gente a parafina
tenta mostrar-lhes a sala de arrumos
capilares deste e daquele em risco de
inflamação – vassouras

Para todas as crianças é obvio que
vai faltar o diluído ainda que rompa a
alegoria dos pós de torneiras

Vai faltar

O risco de decomposição é cada
vez maior. o que obriga a olhar
para o fecho das úrsulas para lhes dar
de beber
vassouras

O bicho da seda é só uma extensão
do vitral na adega

como um impossível que fosse ao largo
e só aí se transladasse

Sobre a *Poética* de Aristóteles

REPRESENTAÇÃO
ELOCUÇÃO
ESTÉTICA
CONSTRUÇÃO
PURIFICAÇÃO
IRRACIONALIDADE
IMITAÇÃO

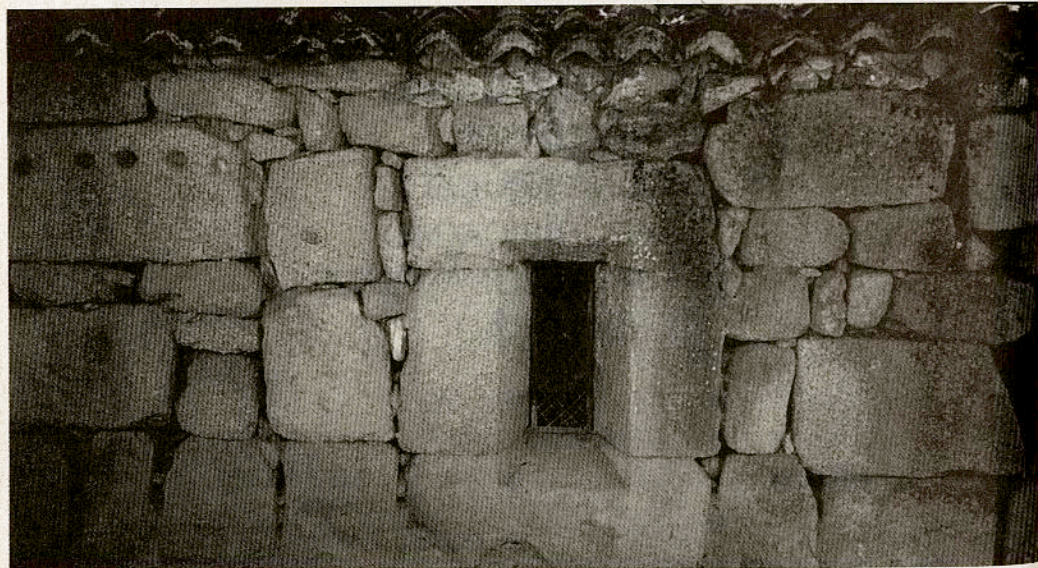
o prazer

de fazer

as

palavras

moVER



MARIA JOÃO BAGINHA

Ontem à noite todas as estrelas caíram do céu.
No abismo da escuridão, uma menina nua chorava
e engolia-as de uma só vez.

DIANA SIMÕES

The sky is green,
The grass is blue.

Roses are red,
There's blood upon my bed.

My shoes are torn,
There's a baby being born.

Somewhere there's an old man,
Reading the paper and drinking his coffee.

Viajo nua dentro de um carro,
O semáforo está vermelho.
Vermelho significa avança.



MARIA JOÃO BAGINHA

Começar

Não me assusta o começar,
Este perene acordar num diferente
Ou igual lugar de passagem.
É-me indiferente já e já não conheço
Os olhos que se abrem e dão
Espaço e forma aos mundos do olhar.
Parto.

Que riscos novos posso eu traçar
Sobre as caras e corpos que passam?
Eles próprios traços riscados, riscos queimados
Num quotidiano anfíbio de lágrimas
Que às vezes correm, para o chão,
Ou para o abraço daquele (irmão)
Que na hora o é por "afeição", sangue da necessidade.
E parto. Para a frente, e para trás
Num pleno salto de bungee-jumping:
Traço do ar, para o chão,
Retraço de poema repetido,
Repartido entre irmão e aflição
Mas que, só assim, riscado, re-riscado, ganha o que é.

E não me assustam riscos ou erros ou
Traços ou o desterro de sentir o novo ou
De mais, de novo o velho, ou o espaço e a luz
Se comprimirem, lá fora ou cá dentro,
Numa esquina: fechada, antiga e

Fria, acabada, cerrada. Mentira
Encabeçada por ervas frescas e vermelhas
Tudo é vivo.
Vira-se a página.
Um risco nas costas do anterior (facada?)
Um risco mais que um risco,
Abrir os olhos e riscos (riscar de) novos
Que passam e acordam,
Cheios de páginas e riscos
Seus que se cruzam e entrecruzam
Nos traços de olhares despertados, acordados
Numa gare de sonhos sempre aberta e sempre fechada,
Para mais e para mais nada.

Ciclos de poesia:

Olá. Vejo-vos a todos, de longas barbas	Velhos.
Na penumbra sentados, olhando, escutando, expectando,	
Julgando, avaliando o medo, que cai,	Gotejante.
Mas, no silêncio que cai e pacientemente	
Volta a cair, começa a fazer-se, este	Sentir.
E uns versos, gotejantes, sibilantes, ganham vida, ilusão,	
Na boca de quem fala, fluindo com gosto:	
Sozinhos e com intenção.	
E torrentes de palavras jorram e, no caminho,	Caem.
Mas torneando rochas de barba lá vão cantando	
Que riacho é sem som? E rio sem margens?	Céu?!
E estas palavras que atiro, que perco...	
Vitais para o homem e que saciam a terra,	Abandono-as.
Para que cresçam, floresçam,	
Se tornem, enfim, mais... suas. Pois minhas	Não são...
E assim estes versos que apanho do ar	
Filhos de um deus, numa arte	Perdidos
Concretizam-se, do ar, nas palavras, na voz	
De quem os lê, os canta	
P'ra o vazio das nuvens	Voltar,
Que estão no céu, esquecidas, e	
Pra voltar a cair, depois nos	Versos
De um poeta que as saiba	Cantar.

WILLIPE TAVARES

Editorial do livro

depois de um tempo de ausência

depois de um tempo

depois de um tempo

Ciclo de poesia



Perdidos

Filhos de um dia, disse-me

Concretizam-se, do ar, nas palavras, no voz

Vozes

De quem os lá, os centes

Por o vazio das nuvens

Vozes

Que estão no céu, esquecidas, e

Por voltar a cair, depois nos

Centos

De um poeta que se saíra

MARIA JOÃO BAGINHA

(1991)

Variações a nãooseiquantok

http://

servidora, ISP; user: root marca o seu IP.

Rede matriz, teia urdida sobre a terra,

Rizoma tecnológico, ponto de concentração;

Aberta ao mote expansivo;

contida nos circuitos integrados

Da computação putativa e reputada,

O Ser brilhante inteligente artificial,

Etéreo e virtual;

Realidade paralela e constante,

Vai fluindo sem cessar, por cabos e frequências

de satélites longínquos, orbitando no vazio,

transportando-nos o mundo e levando-nos ao nada

físico

que é o todo que a faz

converter o mais ímpio do incautos

À sua forma,

à forma que as massas tomam,

ruminadas com sabor a menta

do saber de uma

mente

Doubleyoudoubleyoudoubleyoupontomuitostumasquantosdetisãodelespontocome

Arame farpado solo enlameado só ele **ali** estava

olhos fechados para sempre

resignado jaz encaixotado a putrefazer

montão de carne e ossos **que nada**

significa à Pátria vos destes

generosos na guerra

que nos consome cala-te já sabia que

mentia **o preço da vida** foi a morte essa

que roubou o **beijo** que **jamais** daremos

chora e deixa que as lágrimas apaguem o que **existe**

como se no chorar pudesse haver um pouco de

pão que mataria a **fome** de quem

tem fome de viver **manhã** isolada manhã

triste manhã sem nada nada e o céu a terra e o mar
chamam sem ti a **poesia floresce**
na **fuga** ao desespero que o tempo não esquece
triste é a morte que rouba a **vida** triste é o
sonho que não tem **guarda** morrerá **hoje**
ainda sem viver a ave que queria **voar** até
morrer arame farpado solo enlameado

MARGARIDA AMORIM

pela escuridão adentro
um círio em chama

do côncavo da força – fumo –
na aderência ao asfalto

um fogo salpicado de horizonte
um mistério negro aberto ao templo
um tempo profundo no íntimo da terra

da face da pedra
gotas de água grossas grossas
espaçadas
no abrir dos olhos

um círio em chama
pela escuridão adentro

"Reconheço
a sua mão"

tsunami

BANGLADESH

BIRMÂNIA

ÍNDIA

INDONÉSIA

MALDIVAS

MALÁSIA

QUEÊNIA

SOMÁLIA

SRI LANKA

TAILÂNDIA

TANZÂNIA

Acho que
é ela. Reconheço a sua mão,
mas não tenho a certeza."

UNIVERSITY MICROFILMS

INTERNATIONAL SERVICE



MARIA JOÃO BAGINHA

CONCEIÇÃO RIACHOS

Pêndulo

Um longo fio fixado na extremidade da abóbada
respira oscilações amplas

Na dimensão secreta da raiz
pálidos reflexos fazem atrito na estrutura invisível
do sulco a mudar de direcção

Abstracta a sombra move-se em círculos
possíveis
a constância do movimento aflora os últimos pontos

A oscilação volta a cair indolente
desenha no vácuo um deserto de sinais
amortecidos

As caravanas penetram confiantes
na esfera de cobre

Resistente o prodígio fixa uma névoa
penetra no oculto onde os pássaros assistem
ao passar das horas

CONCEIÇÃO RIACHOS

Um só instante talha-nos o respirar
um só pulmão alenta a paisagem
 minha metade outro lugar
 cavalo a fugir toda a noite
 golpe de marinventado
 sem tímpano

estrelas cavalgando
 na dor enfática dos olhos
 verdura sem nome
 praia fluvial
 diafragma de vozes

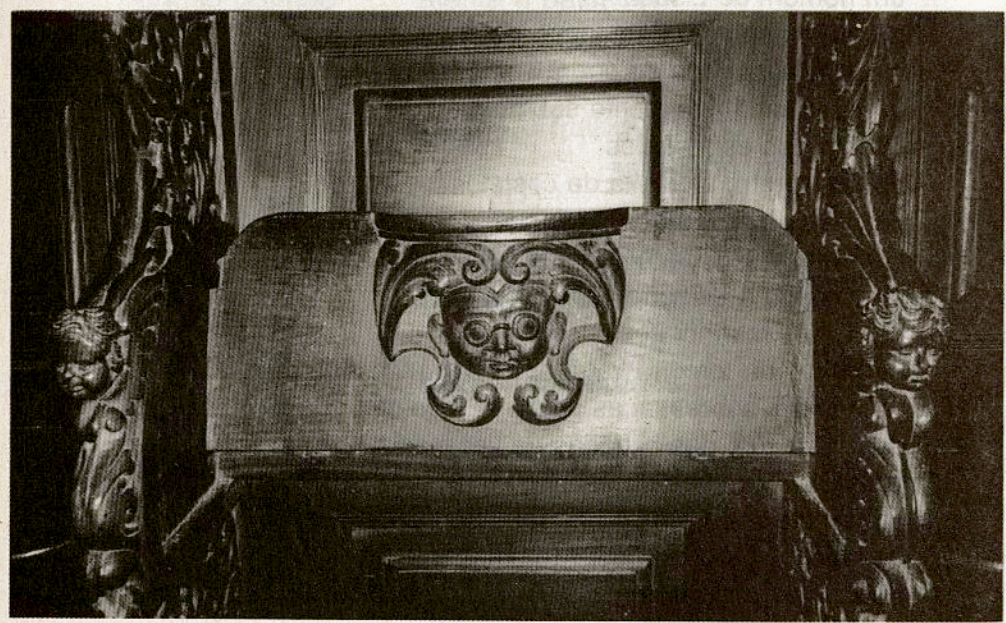
a dor das cadeiras vazias
 espelho acendido
 na língua da música

*poema resultante de um exercício de "catch"
com textos de J. M. Antolin*

CONCEIÇÃO RIACHOS

Títulos

Um dia antes do amanhecer
um homem de Lisboa
peregrino secreto do sangue dos outros
montou a jangada de pedra
numa manhã finalmente submersa.
O anjo dos esquecidos
dominó preto, alquimia de castelos
de príncipezinhos deambulando
num mar morto de nenúfares
atravessou a estação das chuvas
de velhos marinheiros do ser
negreiros da terceira vaga onde o cântico final
do homem sobressai às palavras inquietas
do fim da rua, das histórias de ver e andar
como o último voo do flamingo
ou um menino perdido nas ruas de Coimbra
ao colo da garça, reflectindo cataventos.
Escondido na caverna
amedrontado com o erro de descartes
o homem do país azul perdeu o dia dos prodígios
depois, desperto como uma mulher
voou pela sala das perguntas com as faces de Eva e Oríon.
La petite voix cruzou-se com o guardador de percursos
e a fome da pele agudizou-se nos passos
em volta como um romance no centro do arco.
Amar se aprende amando leu em letras garrafais de
hipnose moderna.
Antes do amanhecer
a travessia da casa dos corações perdidos
deu-se quando o tecido de Outono
encontrou a imitação dos dias.



MARIA JOÃO BAGINHA

O sonho de estar no mundo era um golpe em frente
provocando ondas nos pinhais dúbios
de ter medo do medo de ter medo.

Respirava francamente no colo
do meu cérebro numeroso e sobre ele forjando,
dando de novo calor
à praia tentada.

O sonho de estar no mundo era um golpe em frente,
reservado, cavalo ostensivamente selado
que esburaca no peito um legado
contra fogueiras de escrúpulos é preciso
recuperar as metades dos dias
sentados a embalar
o quê?

O sonho de estar no mundo era um golpe em frente.
[Mas] viver
é ameaçador. Viver
é como saborear um pulmão
sangrado na matança
das possibilidades.

*poema resultante de um exercício de "catch"
com textos de J. M. Antolín*

LILIANA VASQUES

Mas já não estava.
Estavam cordas, um olho
estava mas não estando
uma gatura de bolhas estava
um gesto no lugar
das pessoas semiconstruídas as mamas
permaneciam como moinhos
no lugar. estava nele
A feira das mãos estavam
como cordas no lugar
Estava a expansão na folha
estava
O silêncio não
pode ser uma arma.
o silêncio das mamas.
Mãe, o silêncio!
Estava como leite
mas já não estava.

*poema resultante de um exercício
de repetição*

quando na noite havia uma azenha
na desordem olfactiva da luz implacável
ou o mármore de um baixo relevo numa tapeçaria de linho
e os sítios onde os ossos se despojam
reconhecendo as tatuagens na voz
para além da superfície de coágulos que e-
mana
na primeira passagem de qualquer litoral

um poro era uma armadilha penosa
uma coincidência de vários horizontes ou a busca

um poro não se acende por vontade
espera-se no esforço trémulo ao soletrar os movimentos do
painel onde se inscreve a brevidade

um poro espelha-se para se outrificar
um poro escoá-se pelas varandas das terras
um poro expande-se para além da maresia
um poro pendura-se a secar como uma lágrima
um poro quer-se de uma paz arrebatada

a um poro quer-se as sementes pinceladas de cinza
a um poro a união dos factos
nas aberturas dóceis onde flutuam os pesos

quer-se de um poro o propósito despojado das unhas
descalças
quer-se de um poro uma acrobata de janelas sem vidros
e as manhãs contidas

de um poro essa clemência anis das madrugada

pede-se de um poro a fábula das vivências abrigadas

a um poro as descendências matizadas – os abrenúncios
a um poro as habitações de mel

de um poro o carimbo iluminado do desejo

à boca de um poro o crescente lilás
na verdade de um poro
os movimentos de luas estendidas
e milênios de meandros

pela verdade de um poro
a apetência fazedora de telas

de um poro a crista descendente
a um poro a parecença
a iguana mascarada

a um poro a vontade
para a não-ficção-suprema
de beber o gesto na geometria dessa gramática calcária
dentro do sagrado ponto de pérola
e planar pelas ondulações flutuantes
ao/ou murmurar os ofícios no fogo

da força forçada¹
da paciência passada¹
da mentalidade esgotada¹
da ficção fixada¹
da pena penada¹
da fatia laminada¹
da hipótese refutada¹
da espingarda manipulada¹
da iconografia mirrada¹
da multidão esfarrapada¹
da gratidão negada¹
da bajulação esfregada¹
da penitência acordada¹
da degustação enraizada¹
da paisagem esmagada¹
da palpitação notada¹
da coragem segregada¹
da estatística fabricada¹
da segregação ignorada¹
da imitação imitada¹
da situação programada¹
da abreviatura azarada¹
da consolação ensaiada¹
da vista degolada¹
da pontuação avisada¹
da vivência pendurada¹
da quantia mencionada¹
da apetência esticada¹
da possibilidade invalidada¹
da presença pincelada¹
da grande fantochada¹

¹ muito haveria a dizer mas felizmente não temos tempo



MARIA JOÃO BAGINHA

VOZES SEM ROSTO

Pernoito no cio de muitas vozes
que fermentam a morte o uivo
a derrota omnipresente sagrada
e assassino a fera das mãos
sitiado de palavras um claustro
de soluços sem rosto o lugar único
refluxo confundido na própria sede,

no deslumbramento das trovoadas
que os dias irradiem rebentos bissexto
vozes invisíveis como folhas metálicas
com línguas para além dos linhos
e contra o rutilar da memória pernoito.

*poema resultante de um exercício
de escrita a várias mãos*

JOÃO RASTEIRO

Cântico

No sussurro imortal o cântico
suspense no rebordo paisagens
feridas pestíferas no viajante
das cidades tranquilas as lobas
despojadas da agonia as palavras
flácidas na pele órfica fêmeas
abertas grutas em silícios negros
hortos de aço nos pulsos abertos
dias nos taludes onde o homem
conserva o calor dos corpos
adornados na última anunciação.

Labirinto

Agora o corpo fala de pássaros
anunciando a erosão rente à língua
o presságio que rasga a seda
o derrame da semente ao morrer.

Assusta-me o vidro dos olhos
esmagando-se no vértice da linha
a dormência ávida das águas
na rotação da última palavra.

Esta é a nudez intacta da luz
o ar na vibração do corpo
o cheiro agreste e puro da cânfora
o peso dos dedos sob o espanto.

OS NOSSOS SORTEIOS

**UMA PANELA DE PRESSÃO
«PRESTO»**

Nº 01185

OU

**UMA ENORME DEPRESSÃO
«NÃO PRESTO»**

Isto não é um poema é o pormenor de uma torre vermelha que sempre foi cor de laranja até vir um restaurador daltónico e dizer que ela de facto era vermelha e esta torre não há de ter silêncio e o silêncio não há de ter esta torre nem um es passo em falso para digerir em movimentos peristálticos *démodée* eu estou a poemactar e assim vou conseguir fugir ao silêncio e isto há de ser uma torre vermelha e há de fugir ao silêncio e não há de dizer mais nada do que aquilo que aqui não está e o público há de bater muitas palmas muitas com os trinta e três dentes que o diabo lhes emprestou e talvez até dancem enquanto fujo ao silêncio como os cães que correm e se atiram para dentro dos pulmões ígneos eu fujo ao silêncio na suspensão dos dedos pelos fios de baba eu fujo ao silêncio entre os universos em impasses de bailarina eu fujo ao silêncio na irreversibilidade das palavras eu fujo ao silêncio com o anel roubado dos Nibelungos e vendo-o ao primeiro que aparecer eu fujo ao silêncio em *pizzicatos* de lã eu estou a fugir ao silêncio partindo o espelho ameaçador eu estou a fugir ao silêncio antes da sedução dos líquidos eu estou a fugir ao silêncio entre os jardins dúbios de tempo eu estou quase a fugir com a boca cheia de crisântemos inomináveis eu estou a fugir vou espreitar ele está a mais de três sinais vermelhos de distância já é segura não sei será que implacável vou dizê-lo para ele deixar de ser quem é encardido silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio silêncio

S I L Ê N C I O

poema resultante de um exercício
de "catch" a partir de J. M. Antolin e Nanni Balestrini

Se a Alice perdesse a cabeça' Menos-mal' muito mamífero morre por menos' E sem cabeça o corpo da fêmea fica *just fine* pesando pouco' e a dobrada à moda do Porto' já se pode servir fria' que o livro de reclamações' já não se serve em democracia' Se a Alice perdesse a saia' Isso sim' Seria um sarilho' Vinha o Velho do Restelo com o pintelho arqueado em riste' às apalpadelas que coitado' a cegueira tinha disto' Ou vinha' o Ministério do Assunto Quase Sério' e lá ficava Alice atafulhada em papelada' Alice' o melhor é não perder nada' sobretudo a hora' da esteticista' do cabeleireiro' da massagista' do costureiro' da Psicanalista' da dentista' do veterinário' do nutricionista' do armário' e talvez tenhas sorte e chegues mesmo a tempo'

da Morte,

que persegue o Medo
o Medo que persegue o Ser
o Ser que persegue a Ficção

a Ficção que persegue a Verdade
a Verdade que assombra a Ciência
a Ciência que persegue a Verdade
a Verdade que é deus

e com Deus
não se brinca

Rita Grácio

Rita Grácio

Rita Grácio

*poema como exercício de repetição, feito a partir de algumas das
propostas do poeta Robert Duncan.*

A revolta da laranja

No país de homens e mulheres
(em que a lei aboliu a sinédoque e a taxonomia é por
ordem alfabética)
há capoeiras inverosímeis
onde
as galinhas
voam para trapézios de cristal
abrem o seu régio cu
e
parem uma laranja
que fica suspensa no ar
pensativa
até que um galo contralto
acorde dos confins da madrugada
e ouse dizer:

A laranja escuta.
depois
deixa-se laranjamente cair
e parte-se contra o chão
numa explosão viscosa e bicolor
que imunda a terra de branco e amarelo.

– porque o conceito de Laranja
não impedirá esta laranja de ser clara e gema
e não sumo laranja fibras laranja gomos laranja
solaranja.

DIGA-COMNOSCO



"BE-LA MER-DA"

**Exprima-se sem problemas sobre o seu
pais, o seu emprego, a sua vida...**

Diga-o em todo o lado

Réplica do Fogo Dentro

ergue a voz no movimento das harpas
melódico o espasmo das lavas surdas
os ossos como lâminas
soltam o chão tocam a ária
dobram a cintura sobre as garras
tocam o sangue

/

não longe das estátuas os sangues adormecem
o rasto dos astros ainda nos olhos
depois às vezes chegam os livros
vêm com a ausência iluminada na carne
respiram as armas e as falas em cardumes
e recordam os passos suspensos
deixam as cavernas num abandono
os sangues reclinam o olhar final
fazem a luz

/

há um hábito de pássaros
a repulsar as linhas dos sentidos
apagam-se no branco fresco da sombra

deveria esquecer-se
o roxo dos lábios o gelo da pele
e a luz sólida interior ao vidro
afinal o tempo é tão absoluto
como a fome

/

provavelmente as lavas crescem
com a chuva no rosto
fazem de sonhos e de templos o arco
dos gritos
são de prumo palavras párias
presas no ardor translúcido
como o cristal das lavas quando dormem
são eternas
e só ardem as coxas quando
por dentro

/

as lavas recordam com os olhos
postos na carne ensanguentada
fizeram os passados aplainados com receios
prontos os estigmas para a hora das revoltas
e afinal amamentam mortes ao peito
como se fossem diferentes
são diferentes
amam os livros como se fossem únicos
e temem o tempo e o abandono

quaisquer que sejam as chuvas
as lágrimas parecem-se com o fogo
de tanto arderem no silêncio
os sangues fazem-lhes amor
para imitar o esquecimento
mas roem as unhas do bronze incandescente
abrindo os olhos estúpidos
ao tumulto do ventre

depois que se foram as ideias e a
as ideias parecem ser com o mesmo
de tanto a ideia não é mais a mesma
os estudos fazem parte da ideia e a ideia
para fazer o estudo
mas não as ideias do estudo
aberto os estudos
do estudo de ideias

depois que se foram as ideias e a
as ideias parecem ser com o mesmo
de tanto a ideia não é mais a mesma
os estudos fazem parte da ideia e a ideia
para fazer o estudo
mas não as ideias do estudo
aberto os estudos
do estudo de ideias

depois que se foram as ideias e a
as ideias parecem ser com o mesmo
de tanto a ideia não é mais a mesma
os estudos fazem parte da ideia e a ideia
para fazer o estudo
mas não as ideias do estudo
aberto os estudos
do estudo de ideias

conto

conto

NUNO MIGUEL PROENÇA

1000

MUNO MIGUEL PROHNCIA

01003

Ouço lá fora uma criança cantando. Aqui dentro (onde, ao certo, não sei) ouço um piano. Estou tonto de tonturas que me vêm da memória. Um dia houve quem me dissesse e eu hoje penso nisso também. Ouço – não, já não ouço – uma criança, lá fora. Aqui, que é um dentro que eu não sei onde é, mas sei que é um dentro sem fora, ouço um piano. Pensei que estivesse em casa mas há dias em que é a casa que está em mim. Não me ocorrem adjectivos, não me ocorrem encontros de advérbios com verbos, nem de verbos com substantivos. Um candeeiro faz-se passar por indicador do céu. Um nome, ou um substantivo de qualquer ordem (olha, já nem da gramática me lembro!), um verbo – eu a pensar que não entendo nada do amor – depois um complemento (uma frase simples, por favor, nada de pieguices), quer directo, quer indirecto. Qualquer coisa que me fizesse lembrar a gramática, as horas da gramática, as horas só, ou que me fizesse lembrar qualquer coisa (escreve aqui o mundo que não te enganas). Se quiseres podes sentar-te (no chão, por exemplo, ao lado da cama) puxas um macinho de folhas brancas da resma que compraste no supermercado (lembras-te, a estante que fica lá ao fundo, depois das tábuas de passar a ferro, depois do material eléctrico, depois das fichas, dos cabos, das antenas, de tudo aquilo que se te perguntassem tu explicarias, nitidamente, sem delongas nem demoras, a estante que fica perto dos cadernos, que fica perto das esferográficas, que fica perto das lapiseiras e das borrachas, dos agrafes, das aguarelas, dos lápis de cor,

de tudo aquilo que tu emprestarias se te pedissem, lembrás-te?), senta-te confortavelmente, deixa passar o mal-estar e as náuseas, deixa passar as tonturas de memória, atenta à folha branca, atenta à caneta. Com uma folha – digamos com a primeira – do maço branco das folhas da resma, que compraste no supermercado (a tal resma da tal prateleira), deixa que a memória já volta, deixa que tu já voltas, e depois já te comesças a lembrar, deixa a angústia, deixa a tristeza, senta-te ao lado da cama, deixa a criança lá fora, deixa o lá fora que são as avessas do cá dentro, deixa o piano, deixa o cá dentro por não haver nem dentro nem fora, mas o dentro do dentro ser o lá fora do fora, deixa o candeeiro, escreve, com a caneta, escreve – na folha branca – que não te sentes bem. Não me sinto bem. Escreve porquê. Não sei porquê. Escreve que às tantas como não percebes te cansas de tentar entender e pensas: seria melhor compreender qualquer coisa – mas não, não percebes nada. Pensas: se me canso de mim? Que hei-de dizer? És burro? Serei burro? Levas as mãos à cabeça e nada. Concluis, talvez não. Perdes o tino ao tacto? Cala-te. Tu cala-te. Falta-te pudor. Por favor cala-te. Acusa-te! Acuso-me. Lamenta-te. Lamento-me. Escreve. Já estou a escrever. Passa horas nisso (horas e outro tanto). Já estou há horas nisto. Não mintas – Não minto. Mentas! Minto! Estás nisso há quanto tempo? Há horas. Não mintas. Pronto, não minto. A verdade é que me sentei há pouco aqui ao lado da cama. Peguei em papel branco, de uma resma que comprei no supermercado, numa prateleira lá ao fundo, depois do material eléctrico, depois das tábuas de passar a ferro. Aqui me sentei, apesar do frio que hoje deu em estar no

dentro do cá dentro, lá fora ou cá dentro, apesar das tonturas de memória. Primeiro ouvi uma criança lá fora que a cantar me lembrou outras crianças em lá foras que tenho cá dentro. Já estava ouvindo o piano. De música não entendo nada. Ouço. Soe bastar. (lá riscar mas não risco. Esta mania de riscar o que escrevo...) Agora perdi-me. Lá fora ou cá dentro? Em cá dentro de cá dentro. Perdi-me, erre com a pontaria toda, tenho a impressão que daqui a pouco sou a folha branca de mim mesmo (imagens não, isso é que não), o borralho de mim mesmo, a crepitar me despeço, conto as estrelas, escrevo o número num blocozito de memória (um que roubei ao silêncio), conto pares de meias (ou meias sem par, penso no mistério de irem desaparecendo os pares às meias, em eu dar por meias sem par no desamparo de já ninguém as querer, de não servirem para nada a não ser para ficarem à espera, entre impares, a ver se um dia chega o par e eu sem saber o que é feito do par e o que fazer ao impar, até que um dia compreendo que duas vezes impar dá par e calço a minha aritmética com a satisfação de quem resolveu um mistério do mundo [se é que se resolvem, se é que os há ou se estão em havê-los], alegre, mais do que triunfante, e meto pelas calças dentro, pelos sapatos, camisa, camisola, casaco, abro e fecho a porta, tranco uma, duas, três e quatro vezes, vou corredor fora abro a caixa do correio, sim ou não, sim ou não? quer sim quer não desço as escadas ou desço de elevador Par é duas vezes impar, impar duas vezes é par. Olho para o estendal e vejo uma série de colcheias, semi-colcheias, fusas, semi-fusas em repouso. As minhas meias, pares e impares, são andorinhas nas linhas telefónicas do

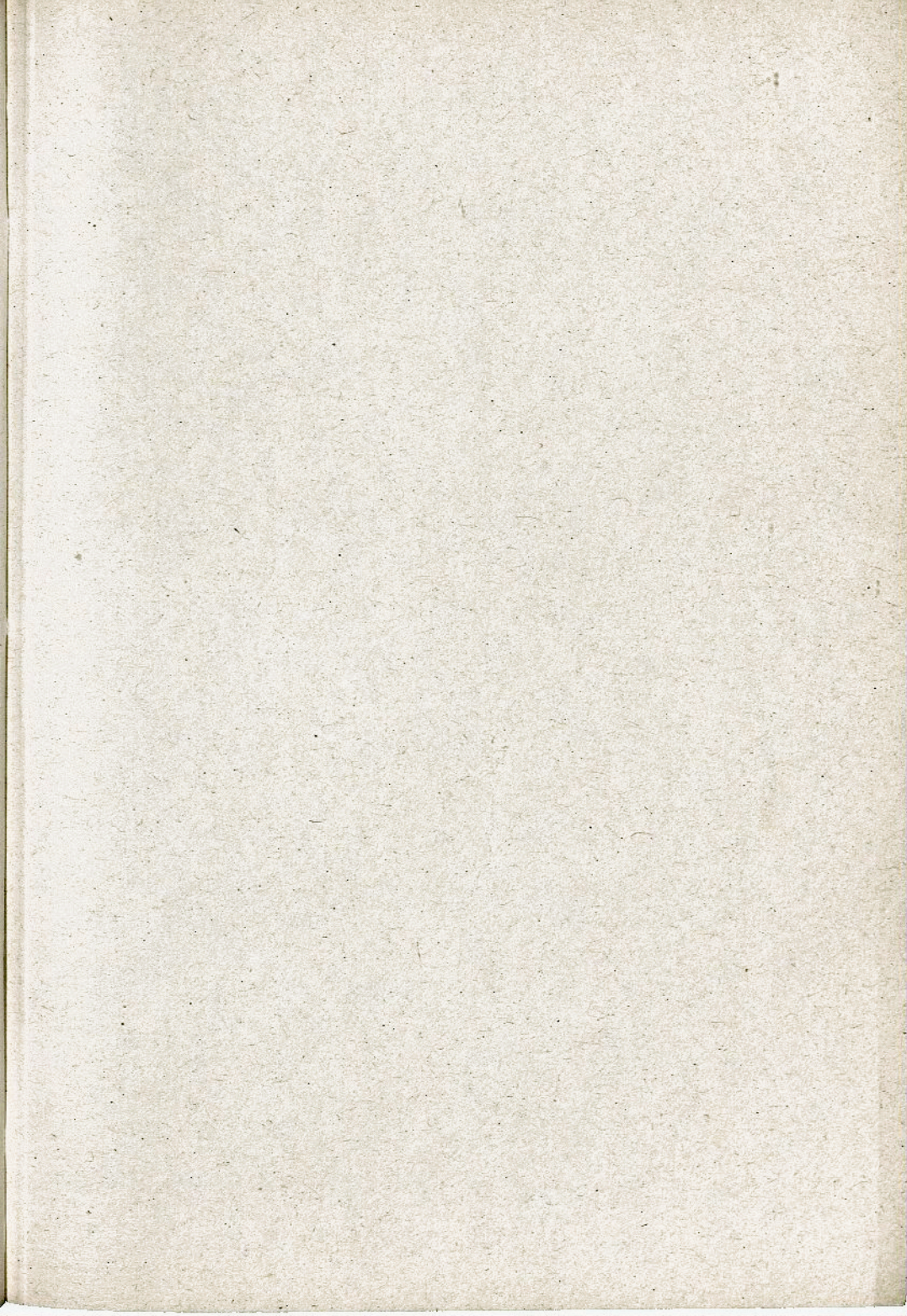
estendal que fica a fazer de pauta junto à parede da cozinha. Está uma estatelada no chão. Que ar tão grave! Ali a olharem para mim como às vezes à noite os sonhos). Eu acordo, levanto-me, vou da cama à cozinha (suponhamos) e eles: volta, estás louco? onde vais tu sem nós? Volta! E eu apavorado, da cama ao frigorífico (suponhamos), bebo água (abro a porta e dou-me conta que no inverno – é inverno – não há água no frigorífico. Fecho a porta, tacteio pela bancada, acho a garrafa, deito o gargalo aos lábios, bebo) e os sonhos a olhar para mim, Volta, onde julgas que vais, Volta! Eu apavorado, eu em vergonha Viram-me a beber da garrafa, eu a ver-lhes os olhos sem saber onde e a pensar Onde estou se os vejo daqui a olhar para mim? Bebo água (Viram-me a beber da garrafa, Viram-me a beber da garrafa) e acabo por fechar os botões do casaco com os sonhos cá dentro (olho lá para fora e vejo só as estrelas a dizer olá, e eu, olá – desde quando é que as estrelas falam comigo?– e nisto adormeço). As meias a olhar para mim, eu aqui sentado sem ouvir a criança lá fora e de repente não ouço nada cá dentro. Nem sequer o piano? Nem sequer o piano. Costumo tropeçar dos sonhos para a rua. Não entendo nada. Olha, uma tábua de passar a ferro, uma que compraste no supermercado, estava antes da prateleira das resmas de papel, depois da que tem o material eléctrico que tu explicarias se to perguntassem, levaste a tábua de passar a ferro a um leitor óptico e viste um fiozinho de luz vermelha a passar pelas barras e depois leste: trinta e tantos dinheiros e tantos cêntimos. Lembras-te? E nisto lá fora uma criança

Índice

Editorial	5
Robert Creeley por Emiliana Cruz	7
Filipe Cravo	13
Robert Creeley	14
Harold Alvarado Tenorio	40
Maria João Baginha	50
Júlia Machado	51
Graça Arrimar	55
Filipe Cravo	56
Porfírio Al Brandão	57
Álvaro Alves de Faria	61
Ricardo Chá	65
Xavier Zarco	66
Emiliana Cruz	68
Maria João Baginha	70
Cristina Néry	71
Carlos Pittella	83
Paula Belo	89
Rui Roque	93
Ângela Canez	97
João Nery Sá	101
Maria João Baginha	102
Diana Simões	103
Maria João Baginha	106
Filipe Tavares	107
Maria João Baginha	110
David Oliveira	111
Margarida Amorim	112
Sandra Guerreiro	115
Maria João Baginha	116
Conceição Riachos	117
Maria João Baginha	120
Liliana Vasques	121
aNa B	123
Maria João Baginha	126
João Rasteiro	127
Filipe Cravo	130
Rita Grácio	131
Filipe Cravo	136
Jorge Fragoso	137
Nuno Miguel Proença	141

INDEX

141 Nuno Miguel Ponce
 137 Jorge Ponce
 135 Fico Cava
 133 Fico Cava
 131 Fico Cava
 129 Fico Cava
 127 Fico Cava
 125 Fico Cava
 123 Fico Cava
 121 Fico Cava
 119 Fico Cava
 117 Fico Cava
 115 Fico Cava
 113 Fico Cava
 111 Fico Cava
 109 Fico Cava
 107 Fico Cava
 105 Fico Cava
 103 Fico Cava
 101 Fico Cava
 99 Fico Cava
 97 Fico Cava
 95 Fico Cava
 93 Fico Cava
 91 Fico Cava
 89 Fico Cava
 87 Fico Cava
 85 Fico Cava
 83 Fico Cava
 81 Fico Cava
 79 Fico Cava
 77 Fico Cava
 75 Fico Cava
 73 Fico Cava
 71 Fico Cava
 69 Fico Cava
 67 Fico Cava
 65 Fico Cava
 63 Fico Cava
 61 Fico Cava
 59 Fico Cava
 57 Fico Cava
 55 Fico Cava
 53 Fico Cava
 51 Fico Cava
 49 Fico Cava
 47 Fico Cava
 45 Fico Cava
 43 Fico Cava
 41 Fico Cava
 39 Fico Cava
 37 Fico Cava
 35 Fico Cava
 33 Fico Cava
 31 Fico Cava
 29 Fico Cava
 27 Fico Cava
 25 Fico Cava
 23 Fico Cava
 21 Fico Cava
 19 Fico Cava
 17 Fico Cava
 15 Fico Cava
 13 Fico Cava
 11 Fico Cava
 9 Fico Cava
 7 Fico Cava
 5 Fico Cava
 3 Fico Cava
 1 Fico Cava





Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

